

A criouldade e a União Soviética: uma região inexplorada de intercâmbio intelectual / *Creoleness and the Soviet Union: An Unmapped Region of Intellectual Exchange*

Matthew Carson Allen*

RESUMO

Este artigo examina um intercâmbio de ideias sobre línguas crioulas que conectou o linguista soviético Nikolai Marr, o linguista austro-alemão Hugo Schuchardt e vários escritores e pensadores do Caribe. Ele considera o discurso emergente em torno da identidade nacional híbrida, que se desenvolveu nas Américas e teve forte influência nas ideias sobre as línguas crioulas. Essas ideias foram recebidas por Schuchardt e, por sua vez, transmitidas a Marr, estabelecendo assim uma via inesperada de comunicação entre as Américas e a União Soviética.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas crioulas; Mestiçagem; Korenizacija; Nikolai Marr; Hugo Schuchardt

ABSTRACT

This article examines an exchange of ideas, concerning creole languages, that connected the Soviet linguist Nikolai Marr, the Austro-German linguist Hugo Schuchardt, and a number of writers and thinkers from the Caribbean. It considers emerging discourse around hybrid national identity, which was developed in the Americas, and had a strong bearing on ideas about creole languages. These ideas were received by Schuchardt and in turn transmitted to Marr, thereby establishing an unexpected avenue of communication from the Americas to the Soviet Union.

KEYWORDS: Creole Languages; Mestizaje; Korenizacija; Nikolai Marr; Hugo Schuchardt

* Pesquisador independente, Swindon, Reino Unido; <https://orcid.org/0000-0001-5790-4690>; matthewallen1908@gmail.com

A partir da segunda metade do século XIX, numa época em que a disciplina da Linguística estava sendo profissionalizada e codificada, existia uma contracorrente que se opunha ao entendimento europeu dominante sobre a língua e sua relação com a raça e a nação. Essa contracorrente estava particularmente forte nas Américas, onde se entrelaçou com projetos de construção nacional. Este artigo explora os ecos, ressonâncias e pontos de contato que ligam as Américas a outra zona periférica do poder europeu: o Império Russo, mais tarde União Soviética, e particularmente o Cáucaso. A visão de língua a partir da periferia incluía uma rejeição da classificação linguística por descendência genealógica e, em vez disso, destacava a mistura, o intercâmbio e a criouliização.

Embora falar de uma “periferia” intelectual global possa ter o risco de simplificação, isso reflete a existência de uma tradição intelectual oposicionista na linguística, que pode ser observada em vários locais. Apropriadamente, dada a posição de destaque do Caribe na construção de epistemologias alternativas, o poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant fez grande uso retórico da dicotomia centro-periferia, embora reformulada em termos diferentes: A colonização europeia, escreveu Glissant, levou a uma divisão entre as culturas coloniais “atavísticas” e as culturas e sociedades “compostas” nascidas do contato colonial (Glissant, 1997, pp. 35-36). As culturas atavísticas estavam preocupadas com a linhagem e possuíam uma mitologia de origem que lhes conferia uma “sucessão absolutamente legítima” que remontava à Criação. As culturas compostas, por outro lado, careciam de quaisquer mitos providenciais de origem:

O contato dessas culturas atavísticas em espaços de colonização deu origem a culturas e sociedades compostas, que não geraram um Gênesis (adotando, em vez disso, os Mitos da Criação de outros lugares), e isso porque sua origem não se perde nas brumas do tempo, mas é obviamente um fenômeno histórico e não mitológico (Glissant, 1997, p. 36).¹

O contexto histórico mais imediatamente lembrado por essa passagem é o das Américas e, mais especificamente, das Antilhas. A descrição do início cultural dentro do

¹ No original: “La mise en contact de ces cultures ataviques dans les espaces de la colonisation a donné naissance par endroits à des cultures et sociétés composites, qui n'ont pas généré de Genèse (adoptant les Mythes de Création venus d'ailleurs), et cela pour la raison que leur origine ne se perd pas dans la nuit, qu'elle est évidemment d'ordre historique et non mythique”.

tempo histórico, a partir da colisão de culturas estabelecidas há muito tempo com uma longa linhagem, lembra o surgimento de sociedades e línguas crioulas a partir da pressão da conquista, da escravidão e do sistema de plantação. Ao mesmo tempo, as palavras de Glissant poderiam ser aplicadas a outras zonas cuja linhagem não pôde ser estabelecida dentro da tabela “noética” de descendência que a linguística tirou da história das escrituras (Trautmann, 1997, p. 10). O foco deste artigo será o Cáucaso, caracterizado, nas palavras de um eminente geógrafo vitoriano, como um repositório dos “remanescentes ou fragmentos dos povos que, de tempos em tempos, foram empurrados para esses recantos a partir das terras circundantes” (Keane, 1896, pp. 370-371).² Como veremos, essa percepção generalizada do Cáucaso como um ossuário de fragmentos étnicos e linguísticos heterogêneos seria transformada em um novo modelo radical de cultura por um dos mais prolíficos descendentes acadêmicos da região, Nikolai Marr.

Este artigo traça um possível vetor de comunicação entre as Américas e a Eurásia e considera como certos escritos influentes sobre a língua no início do período soviético ecoaram uma sensibilidade americanista à mistura linguística. O vetor compreende a descrição empírica da realidade linguística, compilada por observadores locais, que foi transmitida por correspondência epistolar a Hugo Schuchardt, um teórico da linguagem extremamente original, cujas publicações tiveram uma influência reconhecida sobre Nikolai Marr, nascido na Geórgia. Essa via específica de influência é em parte especulativa. Onde a linha se rompe, recorreremos a um conjunto comum de circunstâncias que fomentaram certas ideias sobre a língua e a identidade coletiva e que predispueram sua recepção positiva em diferentes partes da “periferia” global. A contracorrente do pensamento linguístico surgiu em vários lugares independentemente uns dos outros e compartilhava uma proposição central fundamental: a rejeição de uma versão amplamente aceita, mas profana, do darwinismo, na qual se pensava que a trajetória evolutiva das línguas e famílias linguísticas havia se cristalizado no momento de sua criação, em um passado distante. Essa mesma visão sustentava que a evolução subsequente prosseguiu de acordo com leis genéticas intrínsecas, com a mistura e a hibridização representando uma aberração momentânea. Em vez desse darwinismo degradado, a contracorrente propôs a mistura e a adaptação *ad hoc* como características

² No original: “the remnants or fragments of the peoples who have from time to time been driven into these recesses from the surrounding lands”.

definidoras do crescimento da língua. Além disso, os pensadores que examinaremos tendiam a seguir uma certa jornada intelectual. A jornada começou com uma veneração nacionalista romântica da indigeneidade como uma contraposição à modernidade, mas acabou levando a teorias mais universalmente aplicáveis que domaram e depois subsumiram a modernidade, em vez de tratá-la como um antagonista.

Em várias partes da periferia global, uma concepção de identidade nacional se consolidou no final do século XIX. Ela buscava mobilizar vários segmentos da sociedade, separados uns dos outros sob o regime anterior de discriminação racial, na causa comum da libertação da opressão colonial. Nas Américas, esse programa era conhecido como *mestiçagem* e oferecia um meio alternativo poderoso de acessar a modernidade a partir de uma perspectiva periférica e não europeia:

A mestiçagem permitiu aos pensadores latino-americanos reivindicar para seus países a unidade racial de uma nação, tal como concebida no pensamento europeu. A mestiçagem ou, melhor dizendo, o discurso da mestiçagem, tornou-se assim uma forma de as três raças numericamente dominantes que viviam nas Américas — branca, ameríndia e negra — se incorporarem ao mesmo projeto nacional: elas se misturariam para formar uma nova raça mestiça (Castro, 2002, p. 19).³

É certo que a adoção de políticas de nacionalidade baseadas na mestiçagem teve consequências graves. Em geral, isso não levou à emancipação dos povos indígenas, mas ao seu silenciamento ou, na melhor das hipóteses, à cooptação de suas vozes. Os afrodescendentes também foram tipicamente excluídos da vida nacional, mais por intenção do que por acaso, em tentativas de forjar nações mestiças ou, como no caso do Brasil, de proclamar preventivamente uma “democracia racial” sem atritos (cf. Andrews, 2004, pp. 110-115). A mestiçagem inspirou uma série de projetos biopolíticos que visavam moldar a composição somática do corpo político, o que incluía a exclusão de certos grupos do direito ao voto ou o recrutamento preferencial de migrantes europeus para as Américas. No entanto, a mestiçagem deu origem a ideias originais sobre nacionalidade e foi um primeiro passo necessário para projetos mais amplamente

³ No original: “Mestizaje permitted Latin American thinkers to claim for their countries the racial unity of a nation as conceived of in European thought. Mestizaje or, better said, the discourse of mestizaje, thus became a way for the three numerically dominant races living in the Americas—white, Amerindian, and black—to become incorporated into the same national project: they would commingle to form a new mestizo race”.

emancipadores, como a *créolité* (crioulidade). Crucialmente, o projeto mestiço do nacionalismo incorporou o hibridismo como um meio de reconciliar diferentes grupos étnicos e trazer os mais historicamente oprimidos para o seio da nação. A reavaliação positiva do hibridismo, desprovida de associações negativas com degeneração, reforçou o argumento a favor da autodeterminação nacional de povos cuja linhagem não remontava ao Gênesis, mas que surgiram da fusão moderna e *in situ* de elementos heterogêneos.

Os linguistas, etnógrafos e formuladores de políticas soviéticos, por sua vez, se depararam com a constatação de que haviam herdado um Estado composto por uma variedade assustadora de povos que não estavam integrados à vida nacional da mesma forma que as populações comparativamente europeizadas do antigo império. Uma conclusão foi que os *narodnosti* [povo, gente] “atrasados” ou “oprimidos”, fossem eles camponeses ou “tribos” que falavam uma língua não eslava, precisavam ser induzidos a subir a “escada universal da cultura”. Dessa forma, seria preenchida a inquietante lacuna de desenvolvimento que separava o centro do império da periferia (Hirsch, 2005, pp. 43-45). Uma perspectiva alternativa, inicialmente mais típica dos círculos intelectuais e artísticos de vanguarda, via essa diferença cultural e econômica interna não como um déficit embaraçoso, mas como um recurso para alcançar uma nova visão do futuro. Os povos “primitivos” não possuíam os atributos materiais da modernidade, mas suas línguas mereciam ser vistas em pé de igualdade com as línguas escritas dominantes (Clark, 1995, p. 215). Nikolai Marr, como veremos, foi ainda mais longe. Ele não apenas defendeu a igualdade de direitos para as minorias linguísticas, mas também as saudou como a vanguarda de um processo revolucionário destinado a varrer todos os segmentos da sociedade soviética. Marr acreditava que os povos primitivos mantinham um vínculo ininterrupto com o passado distante. Suas línguas, repositórios vivos do passado, exibiam um grau de complexidade fonológica e semântica que, com o tempo, havia sido eliminado das línguas mais “avançadas”, mas que ganharia importância em um futuro não muito distante. De acordo com as teorias de Marr, uma futura fusão entre línguas primitivas e modernas era um resultado inevitável da onipresença da mistura dentro e entre as línguas. Em resumo, todas as línguas eram misturadas; elas o eram desde sua criação e nunca perderam seu potencial de formar novas combinações linguísticas em resposta às circunstâncias em constante mudança. Marr identificou corretamente a mistura como uma propriedade de linguagem que havia sido amplamente ignorada pela academia dominante.

A importância que ele deu à mistura refletia sua própria experiência com as realidades linguísticas no Cáucaso. Isso também o tornou receptivo às teorias da linguagem que o conhecimento da situação linguística das Américas havia inspirado em certos indivíduos excepcionais.

A conexão entre os projetos de construção nacional nas Américas e a abordagem soviética para emancipar povos oprimidos permanece pouco explorada. Este artigo traça uma conexão improvável que permitiu que ideias sobre uma nação racialmente mista e sua língua crioula fossem transmitidas das Américas para a antiga União Soviética por meio da Europa Central. As próprias Américas, deve-se dizer, não foram participantes ativas nessa troca. O material linguístico bruto foi coletado, em alguns casos, por escritores das Américas, mas sua elaboração teórica ocorreu na Europa antes de chegar a Marr. No entanto, como veremos, teorias indígenas sobre a mistura linguística foram articuladas nas Américas paralelamente a Marr, e a comparação que isso suscita é altamente sugestiva do funcionamento da cultura “composta” em oposição à cultura “atavística”.

1 O discurso da indigeneidade em *Mestizaje* e *Korenizacija*

No final do século XIX, surgiram vários movimentos políticos em todo o mundo que defendiam uma maior inclusão dos povos indígenas na vida nacional e, na verdade, que a sua existência deveria constituir a base da identidade nacional. Este fenômeno ocorreu na “periferia” global, onde os modelos europeus de colonialismo, que justificavam a marginalização, o extermínio e a assimilação forçada dos povos indígenas devido a sua percebida falta de progresso, não tinham influência. Exemplos de reavaliação positiva dos indígenas podem ser encontrados em muitas partes das Américas, mas também na Rússia revolucionária. Em ambos os casos, os revolucionários tiveram a tarefa de transformar sociedades estratificadas por classe, idioma e etnia em algo novo e coeso. Os países europeus na era do nacionalismo podiam cultivar a ilusão do monolinguismo e da descendência de um passado mitificado. Em contrapartida, a construção da nação na Rússia revolucionária, nas Américas e em outros países periféricos foi, desde o início, forçada a abraçar a hibridização. Forjar uma nação nessas

circunstâncias significava reconciliar castas sociais heterogêneas que haviam sido reunidas pelo destino e exigia enxertar a modernidade no vínculo primordial dos povos indígenas com a terra.

Em uma das obras mais citadas do pensamento americanista, a saber, o artigo “Nuestra América”, de 1891, o líder da independência cubana José Martí exortou seus compatriotas a deixarem de lado o preconceito racial em nome da derrubada da classe crioula dominante, cuja legitimidade derivava de sua ascendência espanhola pura: “Na América, o homem natural triunfou sobre o livro importado. Os homens naturais triunfaram sobre uma intelectualidade artificial. O mestiço nativo [*el mestizo autóctono*] triunfou sobre o crioulo exótico [*criollo exótico*]” (Martí, 2002, p. 290).⁴ Martí defendia uma definição acomodatória de patriotismo que abraçava a autêntica comunidade nacional, com todas as suas diferenças internas, mas excluía uma classe dominante, escravizada pelos modos de pensamento europeus, que se alienara do solo nativo: de fato, a etimologia de “autóctone” significa “nascido da terra”, um claro contraste com o exótico, que neste caso não se refere aos “selvagens” americanos da imaginação literária europeia, mas aos habitantes europeus “puros” de Cuba⁵. Martí celebrava a composição variada de nações americanas como Cuba – “nossos pés sobre um rosário, nossas cabeças brancas e nossos corpos uma mistura de índios e crioulos, entramos corajosamente na comunidade das nações” (Martí, 2002, p. 291)⁶ – porque, em sua opinião, o nacionalismo nas Américas subsumia e fundia todos os modos anteriores de identificação. Em vez de ver a identidade como produto da raça biológica, à maneira do espanhol orgulhosamente distante que vivia em Cuba, Martí defendia uma nova identidade coletiva que era o resultado da fusão cultural, que por sua vez estava ancorada ao solo através da figura do índio e, portanto, dotada da força determinística da natureza⁷. Martí não era um caso

⁴ Em inglês: “In America the natural man has triumphed over the imported book. Natural men have triumphed over an artificial intelligentsia. The native mestizo [*el mestizo autóctono*] has triumphed over the alien, pure-blooded criollo [*criollo exótico*]”.

⁵ “[Autochthon] é claramente um composto das palavras *autos* (‘mesmo’ ou ‘próprio’) e *chthon* (‘terra’, ‘solo’), o que resultaria no significado, dependendo do sentido de *autos*, de ‘da própria terra’ (ou seja, nascido da terra) ou ‘da mesma terra’” (Roy, 2014, p. 242).

⁶ Em inglês: “our feet upon a rosary, our heads white, and our bodies a motley of Indian and criollo we boldly entered the community of nations”.

⁷ “Além disso, como a cultura implica um imperativo de identidade, em vez de apenas uma descrição dela, a cultura em ‘Nuestra América’ desempenha o papel identitário da raça, ao mesmo tempo em que parece abandonar o fundamento identitário da raça” [Em inglês: “Moreover, because culture entails an imperative for identity rather than merely a description of it, culture in ‘Nuestra América’ does the identitarian work of race while seeming to abandon the identitarian ground of race”] (Hatfield, 2015, p. 24).

isolado, mas um representante de amplos setores de pensadores progressistas nas Américas que acreditavam que “a cultura futura (...) deveria se basear na tecnologia e na ciência ocidentais, mas expressar principalmente valores espirituais derivados dos índios” (Mörner, 1967, p. 144)⁸.

Essa compreensão híbrida da nacionalidade, na qual a modernidade é “organicamente” enxertada em uma raiz indígena, não era um fenômeno exclusivamente americano. Ansiosos por romper com o passado czarista, os bolcheviques queriam construir uma nova sociedade a partir do zero, em vez de impor seu domínio sobre a população contida na União Soviética. Isso exigiu que eles se envolvessem profundamente com a cultura indígena e minoritária e os levou a promover a identidade nacional e criar repúblicas nacionais, completas com escolas de língua nacional, imprensa e quadros governamentais. A política que buscava equipar os povos indígenas da União (*korennye narody*) com esses atributos de nacionalidade era conhecida como *korenizacija* (Martin, 2001, p. 11). O nome da política continha a dicotomia familiar entre os povos indígenas ligados à terra e seus exploradores modernos. De fato, “a criação da palavra *korenizatsiia* fazia parte da retórica descolonizadora dos bolcheviques, que sistematicamente favorecia as reivindicações dos povos indígenas em detrimento dos “elementos recém-chegados (*prishlye elementy*)” (Martin, 2001, p. 12).⁹

A política de *korenizacija* visava promover a plena participação de todos os povos, especialmente aqueles historicamente oprimidos, na vida política da URSS. Se o império czarista tinha sido a proverbial “prisão das nações”, os bolcheviques pretendiam que sua política de nacionalidade acolhesse os oprimidos no abraço da modernidade, respeitando e até cultivando as diferenças nacionais. Suas políticas baseavam-se na noção de fusão que acabaria por levar a uma nova síntese dentro da sociedade, uma vez que todos os elementos nacionais e tribais, mantidos separados sob os czares, tivessem assumido o controle de seu destino histórico. Os folcloristas soviéticos, por exemplo, celebravam a “hibridização cultural” e condenavam o tratamento dado por seus colegas alemães à cultura como algo estático e “primordial” (Hirsch, 2005, p. 270). Enquanto os

⁸ Em inglês: “the future culture (...) ought to rest on a Western technological-scientific basis but should express primarily Indian-derived spiritual values”.

⁹ Em inglês: “the coining of the word *korenizatsiia* was part of the Bolsheviks’ decolonizing rhetoric, which systematically favoured the claims of indigenous peoples over “newly arrived elements (*prishlye elementy*)”.

americanistas invocavam o índio como uma figura fundamental, enraizando a cultura nacional na natureza, os bolcheviques celebravam o potencial revolucionário da cultura indígena, que possivelmente permanecia próxima do comunismo primitivo. Os bolcheviques não pensavam em termos da mistura de raças distintas, à maneira da mestiçagem americana. Em vez disso, desejava-se promover uma unificação da vida nacional dentro de um único corpo político que englobasse povos até então considerados ‘atrasados’. Isso não fora possível sob o regime anterior de opressão e exclusão a que as minorias haviam sido submetidas. Agora, contudo, os povos indígenas e o antigo campesinato carregavam o halo da futuridade, sendo a sua condição de primitividade tomada como prenúncio de uma transformação revolucionária.

Uma figura proeminente que moldou a política nacional soviética inicial, especialmente no que diz respeito ao status das línguas minoritárias, foi o linguista Nikolai Marr. Marr tinha uma teoria global sobre o desenvolvimento da linguagem, que ele constantemente relacionava aos estágios “primitivos” da linguagem. Possuindo ele próprio uma identidade difícil de definir, como filho de um botânico escocês emigrado e de sua esposa georgiana (significativamente mais jovem), a carreira de Marr foi impulsionada pelo desejo de colocar no mapa línguas marginais como sua língua nativa, o georgiano. Uma de suas estratégias recorrentes era destacar as maneiras como essas línguas preservavam a complexidade gramatical e a complexidade concomitante do pensamento por parte de seus falantes, que havia sido deixada de lado durante o surgimento das línguas dominantes atuais, especialmente aquelas pertencentes à família indo-europeia. Marr exaltou as contribuições que as comunidades indígenas, isoladas e marginalizadas, mas ainda ligadas ao seu solo nativo, poderiam dar ao futuro da linguagem humana, uma vez que os estudiosos aprendessem a valorizar as preciosas relíquias do pensamento e da fala antigos contidas em suas línguas. O uso de gestos junto com a fala, ainda presente nas comunidades rurais armênicas e azeris, era uma dessas sobrevivências primitivas com potencial revolucionário (Sériot, 2024, p. 219). Por muito tempo desprezada e ignorada pelos estudiosos como, na melhor das hipóteses, “uma curiosidade divertida”, a linguagem gestual viria a se destacar e ser justamente reconhecida como uma fonte de “material inestimável” (Marr, 1934b, p. 107) na prometida síntese futura das línguas em um meio de comunicação global unificado; “uma nova língua unificada baseada nas realizações finais das línguas manuais e sonoras – uma

língua em que a beleza suprema se fundirá com o mais alto desenvolvimento da mente” (Marr, 1934b, pp. 111-112, *apud* Slezkine, 1996, p. 843)¹⁰.

As ideias de Marr têm sido frequentemente descartadas como expressões peculiares da politização stalinista das ciências. No entanto, o que foi dito sobre seus contemporâneos na América Latina poderia igualmente ser aplicado a ele: todos estavam “enfrentando o dilema de querer ser modernos e, ao mesmo tempo, perceber que estavam relegados às margens da modernidade” (Mignolo, 2005, p. 71)¹¹. Como seus contemporâneos nas Américas, Marr teve que resolver o problema de preservar a diferença cultural própria enquanto abraçava a modernidade. Sua resposta foi construir uma teoria global unificada da evolução linguística, que ao mesmo tempo se baseava na manutenção da diferença e da variedade. Nessa teoria, todas as línguas do mundo se desenvolveram seguindo uma sequência universal de estágios, começando com as quatro unidades sonoras básicas *sal*, *ber*, *yon* e *rosh*; essa unidade inicial e elementar foi perdida quando a diferenciação fonológica, impulsionada pela estratificação social, iniciou a divisão de línguas separadas, algumas das quais se fundiram, enquanto outras se ramificaram ainda mais com o tempo; todas as línguas, porém, estavam destinadas a se fundir em uma síntese futura que iria reter e valorizar todos os elementos “primitivos” sobreviventes. Esse processo só poderia ser concretizado, sustentava Marr, sob a liderança soviética, porque a União Soviética havia derrubado a linguística burguesa predominante, que tratava as línguas individuais de forma isolada e valorizava a descendência pura de um passado mítico. Essa forma de pensar era exemplificada pela linguística indo-europeia, a antítese eurocêntrica de sua teoria, que levantava a hipótese de um heróico Urvolk indo-europeu que espalhou amplamente sua semente linguística e civilizacional pela Eurásia e cujos descendentes agora dominavam sua superioridade sobre todos os outros, incluindo os georgianos. Marr satirizou a crença de seus contemporâneos em protolínguas e suas buscas fúteis “fora do domínio da investigação linguística, por montes e vales, pela pátria de certas nações” (1936a, p. 32)¹². A

¹⁰ Em inglês: “a new unified language based on the final accomplishments of both manual and sound languages – a language wherein supreme beauty will merge with the highest development of the mind”.

¹¹ Em inglês: “confronting the dilemma of wanting to be modern and, at the same time, realizing that they were consigned to the fringes of modernity”.

¹² Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “[O] vne issleduemoj lingvističeskoj credy za gorami za dolami nakhozivšejsja prarodine tekh ili inykh narodov”.

preocupação genealógica da linguística comparativa ocidental contradizia o princípio básico de Marr de que todas as línguas compartilhavam os mesmos alicerces originários. Além disso, a pureza linguística era apenas uma ilusão. A constante divisão e fusão que caracterizou a língua durante a maior parte de sua história significava que entidades holísticas aparentemente fechadas como o “alemão” ou o “russo” na verdade continham grandes quantidades de matéria estranha sedimentada ao longo dos séculos:

Qualquer ideia de longevidade aplicada a uma língua específica, por mais consumada que seja essa língua, é tão irrealista quanto os ensinamentos da ciência europeia moderna, segundo os quais as línguas indo-europeias derivam de uma única língua indo-europeia. Embora possa ser atraente para as crianças, esse conto de fadas é uma ferramenta inadequada para qualquer pesquisa acadêmica séria. Pelo contrário, todas as línguas, incluindo o russo, devem ser estudadas em sua seção transversal paleontológica; ou seja, levando em consideração suas camadas sucessivas de estratificação (Marr, 2022b, p. 692)¹³.

Para Marr, o trabalho do linguista consistia, em grande parte, em escavar para descobrir camadas acumuladas de empréstimos linguísticos e “cruzamentos” (*skreščeniia*) do passado, que atestavam elementos submersos de um passado distante. Essa imagem geológica é pertinente, pois sugere a presença simultânea de mais de dois elementos, algo que o modelo biológico binário não poderia alcançar.

A concepção de Marr sobre o “cruzamento” linguístico foi moldada por seu conhecimento do contato linguístico no Cáucaso, embora essa não fosse a única fonte sociolinguística à sua disposição. O impacto das teorias extraídas das observações das realidades sociolinguísticas nas Américas sobre Marr não foi explorado até agora. Isso é compreensível, dado que Marr dedicou apenas um artigo de sua obra substancial às Américas (Marr, 1937) e falou sobre as línguas ali de forma especulativa. O conhecimento que Marr conseguiu adquirir sobre a crioulização linguística nas Américas chegou até ele indiretamente, por meio de outro linguista igualmente notável, Hugo Schuchardt, um austríaco naturalizado, embora alemão de nascimento, que atuou como intermediário.

¹³ Em inglês: “Any idea of longevity as applied to a particular language, however consummate that language may be, is as unrealistic as the teachings of modern European science according to which the Indo-European languages derive from a single Indo-European language. Although possibly appealing to children, this fairytale is an inadequate tool for any serious scholarly research. On the contrary, every language, including Russian, should be studied in its paleontological cross-section; i.e. taking into account its successive layers of stratification”.

Schuchardt pode muito bem ter fornecido a Marr a teoria da hibridização linguística universal que formou a espinha dorsal da teoria tardia de Marr (Sériot, 2024, p. 208). Além disso, a vasta obra de Schuchardt continha frequentes comentários sobre a natureza da mistura linguística, acompanhados por vinhetas das realidades sociolinguísticas nas sociedades crioulas, que foram derivadas em grande parte de correspondências com indivíduos que viviam nessas sociedades. A exposição a esse conhecimento, por meio de seu contato com a obra de Schuchardt, provavelmente reforçou certas ideias que Marr já havia desenvolvido; a saber, que a mistura nas línguas é perene e que, em caso de conquista ou colonialismo, os oprimidos ou “subalternos” têm um papel mais decisivo na mistura linguística emergente do que os senhores coloniais. Além disso, a leitura de Schuchardt por Marr pode tê-lo ajudado a ver a língua como produto do pragmatismo e da engenhosidade humanos, mesmo em circunstâncias adversas. Essas percepções foram estimuladas pelas trocas intelectuais únicas, discutidas abaixo, que permitiram a Schuchardt estudar a mistura linguística ocorrida em tempo real, principalmente nas Américas, em vez de em um passado distante.

2 *Créolité avant la lettre*

A versão americanista do nacionalismo articulada por figuras como José Martí, com sua fusão de diferentes elementos étnicos, enraizada nas particularidades incomensuráveis do contexto local, em algo novo e autossustentável (*cubanidad*, no caso de Martí), refletiu-se nas teorias linguísticas da criouliização. No entanto, isso se limitou em grande parte ao Caribe, e não às Américas espanholas. A variedade linguística do Caribe, na qual os processos geológicos de mudança linguística foram reduzidos a um período de tempo mais humano, atraiu a atenção de Hugo Schuchardt. No processo de pesquisa das línguas caribenhas, ele foi exposto à efervescência do pensamento antilhano. Um século depois, rumores de uma reavaliação positiva das línguas crioulas dariam origem à *créolité*, um ideal civilizacional modelado nas relações justas entre culturas atribuídas às línguas crioulas. Devemos traçar brevemente essa transferência epistêmica.

O modelo criouliizado da nação, no qual as camadas indígenas, mestiças e afrodescendentes da sociedade se fundiram para se tornar a vanguarda revolucionária da

luta anticolonial, tinha o potencial de trazer a libertação nacional e a emancipação dos mais sistematicamente oprimidos da sociedade; esse potencial, no entanto, não foi plenamente realizado nem a curto nem a longo prazo. Além disso, a expansão do conceito de nacionalidade nos círculos revolucionários e reformistas que discutimos não levou necessariamente a uma reavaliação igualmente profunda do *status* e da composição da língua nacional. Na América Espanhola, os escritores desse período se contentaram em grande parte em preservar o status da língua literária espanhola, embora com a introdução de modestas cores locais. O nicaraguense Rubén Darío, um dos principais expoentes do *modernismo* da virada do século XX, impregnou sua poesia com imagens do passado ameríndio (O'Connor-Bater, 2022, pp. 14-15), mas foi relativamente conservador em relação ao *status* do espanhol. Em um artigo programático de 1894, ele defendeu o desenvolvimento da “língua castelhana na América”, mantendo suas “riquezas antigas” e, ao mesmo tempo, buscando o “engrandecimento dessas mesmas riquezas em vocabulário, ritmo, plasticidade e nuances” (Darío; Freyre, 1967, p. 1)¹⁴. A tarefa não era tanto crioulizar o espanhol, mas sim tirar o controle da Espanha (Mejías-López, 2009, p. 79).

No entanto, a língua era objeto de controvérsia no Caribe, uma região em que a mistura linguística era uma realidade e cujos intelectuais estavam dispostos a estender as ideias americanistas de nacionalismo híbrido para incluir a crioulização linguística. O Haiti é um excelente exemplo desse desenvolvimento. Somente em 1987, após a queda da dinastia Duvalier, o crioulo haitiano (doravante Kreyòl, exceto nas citações) ganhou *status* oficial no país. No entanto, os esforços para elevar seu *status* começaram muito antes, mesmo que os intelectuais haitianos professassem, em geral, lealdade à cultura francesa, à qual eles “associavam ao conceito de uma sociedade modernizadora” (Bellegarde-Smith, 2019, p. 121)¹⁵. Os pioneiros que lideraram a reavaliação positiva das práticas culturais populares, como o vodu e o Kreyòl, estavam profundamente preocupados com a lacuna cultural que existia entre as elites *milat* (mulatas) e as massas rurais (Smith, 2009, pp. 4, 52). Esse era o dilema por excelência da época, igualmente relevante para o Cáucaso. Diante dessa crise cultural, o antropólogo haitiano Jean Price-

¹⁴ Em inglês: “aggrandizement of those same riches in vocabulary, rhythm, plasticity and nuance”. Conforme citado por Aching (1997, pp. 137-138).

¹⁵ Em inglês: “linked with the concept of a modernizing society”.

Mars pensou que o Kreyòl “poderia ser redentor para um povo destruído pela estratificação étnica e de classe” (Bronfman, 2016, p. 93)¹⁶. Nas próprias palavras de Price-Mars, em uma obra seminal de 1928, escrita em francês e conscientemente dirigida a um público de elite,

é graças ao crioulo que nossas tradições orais existem, sobrevivem e se transformam, e é por meio de sua mediação que podemos um dia esperar preencher a lacuna que faz de nós e do povo duas entidades aparentemente distintas e frequentemente antagônicas (Price-Mars, 1973, p. 66).¹⁷

No contexto do Haiti, os negros rurais marginalizados ocupavam uma posição análoga à dos ameríndios e mestiços nas sociedades dos países vizinhos. O renascimento cultural do Kreyòl recebeu um impulso adicional durante o período da ocupação dos Estados Unidos (1915-1934). Por fim, as conquistas do renascimento do Kreyòl haitiano seriam celebradas como precursoras da *Créolité*, um movimento literário que defendia que o Caribe encarnava um modelo civilizacional único baseado no “*agregado interacional ou transacional* de elementos culturais caribenhos, europeus, africanos, asiáticos e levantinos, unidos no mesmo solo pelo jugo da história” (Bernabé *et al*, 1993, p. 87)¹⁸. Como podemos ver em sua combinação de mistura e enraizamento, a *Créolité* foi a realização final do pensamento indigenista hispano-americano, desta vez tornando a língua crioula o eixo central de seu ideal social. Essa síntese levou muito tempo para ser construída. No entanto, graças à sua abertura metodológica e à sua rede de correspondência global, o talentoso Hugo Schuchardt teve um vislumbre do início desse movimento e incorporou o que aprendeu em uma teoria ousada da linguagem.

Hugo Schuchardt tinha uma ampla gama de interesses profissionais como linguista, mas ganhou apreciação duradoura por seu trabalho pioneiro sobre os crioulos. Especialista em línguas românicas por formação (escreveu sua dissertação sobre o latim popular ou “vulgar”), Schuchardt estudou com August Schleicher, o estudioso de

¹⁶ Em inglês: “might prove redemptive to a people undone by ethnic and class stratification”.

¹⁷ Tradução nossa. No original: “C’est grâce au créole que nos traditions orales existent, se perpétuent et se transforment, et c’est par son intermédiaire que nous pouvons espérer combler un jour le fossé qui fait de nous et du peuple deux entités apparemment distinctes et souvent antagonistes”.

¹⁸ Em inglês: “the interactional or transactional aggregate of Caribbean, European, African, Asian, and Levantine cultural elements, united on the same soil by the yoke of history”.

linguística comparativa indo-europeia mais conhecido por emprestar o modelo da árvore genealógica (*Stammbaum*) da evolução das espécies de Darwin e Haeckel e aplicá-lo às línguas (Richards, 2009, p. 110; Koerner, 1989, pp. 218-223). Schleicher acreditava que o modelo ilustrava como várias línguas “descendentes” surgiram de um único ancestral comum. A geração seguinte de linguistas, conhecida como neogramáticos, continuou seu trabalho sobre o *Stammbaum* indo-europeu, mas tentou ser mais científica na forma como explicava as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Schuchardt ganhou notoriedade por criticar os neogramáticos quando eles estavam no auge de sua influência. Os neogramáticos defendiam que as línguas, e especificamente suas propriedades fonéticas, mudam ao longo do tempo não por causa de fatores externos ou da vontade consciente dos falantes, mas como resultado de leis sonoras intrínsecas que operam (e essa era a afirmação central dos neogramáticos) sem exceção em todas as palavras de um determinado dialeto. Schuchardt formulou suas objeções em um ensaio de 1885, no qual criticou fortemente os neogramáticos por negligenciarem os fatores humanos na mudança linguística, por tratarem a mudança dentro de dialetos únicos e, assim, desconsiderarem o contato e a mistura, e por adotarem critérios arbitrários para definir o escopo de validade de cada “lei” individual (Hall, 1963, pp. 12-13). Em nítido contraste com os neogramáticos, Schuchardt dedicou-se a fenômenos que contradiziam a noção de línguas existentes como sistemas fechados e auto-consistentes, sendo o principal desses fenômenos os crioulos.

Em retrospectiva, uma das grandes realizações de Schuchardt foi ligar o estudo dos crioulos a áreas de investigação mais convencionais, como a história das línguas europeias, que possuem um corpus textual sólido. Seus primeiros estudos examinaram crioulos de base portuguesa na África Ocidental, na Índia e nas Índias Orientais, e ele manteve correspondência com indivíduos dessas regiões, bem como do Caribe. Em contraste com seus contemporâneos, como Hermann Paul, que reconhecia a mistura de línguas, mas a via como excepcional e impulsionada pela mistura étnica, Schuchardt a via como endêmica, mesmo dentro de línguas que são habitualmente consideradas homogêneas (Mücke, 2013, p. 136). Schuchardt era suficientemente iconoclasta para que Marr, numa rara expressão de aprovação a um estudioso ocidental, se referisse a ele como

uma “voz solitária clamando no deserto” (Marr, 1931b, p. 174)¹⁹. Ao longo de sua carreira, Schuchardt permaneceu comprometido com a posição de que a mistura é endêmica, não um mero *deus ex machina* a ser invocado quando as leis regulares falham. Como ele mesmo disse, “entre todas as questões com as quais a linguística contemporânea se preocupa, nenhuma é mais importante do que a mistura de línguas” (Schuchardt, 1884, p. 3, *apud* Mücke, 2013, p. 131)²⁰. Ele inicialmente chegou ao estudo dos crioulos para compreender melhor fenômenos dentro das línguas europeias, como os efeitos das “línguas pré-romanas no latim vulgar” (Schuchardt, 1883, p. 236)²¹. Schuchardt estava seguindo linguistas anteriores nessa linha de investigação. Graziadio Isaia Ascoli havia anteriormente atribuído a destruição da unidade linguística de Roma à ação de “substratos étnicos” anteriores (por exemplo, celtas) sobre os quais o latim popular havia sido sobreposto (Hoyt, 2006, p. 103). Adaptando a teoria do substrato à mistura linguística moderna, Schuchardt argumentou que os crioulos “mantiveram a forma interna de seu substrato, adotando a forma externa de sua língua lexical de origem” (Holm, 2004, p. 32)²². Por exemplo, o crioulo cabo-verdiano emprestou material lexical do português, mas devia sua essência interna, seu “formbildender Geist” (Schuchardt, 1882a, p. 915), ao lado africano de sua composição linguística. Como foi o caso das línguas europeias após a queda de Roma, a parte subordinada da mistura linguística, o substrato, acabou sendo o fator decisivo no desenvolvimento linguístico subsequente. No entanto, enquanto as línguas europeias exigiram uma reconstrução especulativa do seu passado, Schuchardt pôde recorrer a uma série de informantes que lhe forneceram material linguístico vivo para estudar os crioulos.

O trabalho de Schuchardt sobre os crioulos não teria sido possível sem seus informantes, que forneceram matéria-prima linguística e percepções sobre as realidades linguísticas que moldaram suas teorias. Embora nunca tenha viajado para as regiões sobre as quais escreveu e tenha passado a maior parte de sua vida no esplêndido isolamento de Graz (Wilbur, 1972, p. 79), Schuchardt manteve correspondência com mais de cem

¹⁹ Em inglês: “lone voice crying out in the wilderness”.

²⁰ Em inglês: “among all the questions with which contemporary linguistics is concerned, none is more important than that of language mixing”.

²¹ Em inglês: “pre-Roman languages on Vulgar Latin”.

²² Em inglês: “retain[ed] the inner form of their substrate while adopting the outer form of their lexical source language”.

peessoas em todo o mundo sobre o tema dos crioulos (Holm, 2004, pp. 29-30). Típico da natureza dessa correspondência era uma lista de materiais de referência desejados – canções, histórias, provérbios, charadas, fragmentos de conversas – dos crioulos colombianos que Schuchardt enviou a Rufino José Cuervo, o principal romanista e lexicógrafo do país (Schuchardt, 1882b). Schuchardt tinha um interesse contínuo pelo Kreyòl haitiano, mantendo uma correspondência de 1882 a 1903 com Jean-Joseph Audain, uma figura literária e importante publicitário em Porto Príncipe (Hausmann, 2022). No início de sua correspondência, Audain, falante nativo do Kreyòl, enviou a Schuchardt uma cópia de seu *Recueil de proverbes créoles* (Audain, 1877) como amostra linguística. Em outra carta, Audain enfatizou a importância de não confundir o Kreyòl com os crioulos da Martinica e Guadalupe. Esse é um tema que surgiu em outra parte da correspondência de Schuchardt sobre o Haiti, em uma carta relatando o espanto de Louis-Joseph Janvier, diplomata haitiano e conhecido intelectual público, pelo fato de Schuchardt conhecer o crioulo e até mesmo ser capaz de escrever uma carta nessa língua: “não poderia ser o crioulo do Haiti! Ele (Janvier) insiste que os vários dialetos do crioulo francês são muito diferentes e que ele próprio mal consegue entender o crioulo da Martinica e das Antilhas [francesas]” (Gaidoz, 1882)²³. Essas percepções sobre a falta de uniformidade, mesmo dentro dos crioulos franceses, podem ter contribuído para a rejeição de Schuchardt à hipótese monogenética, que sustentava que todos os crioulos compartilham um único ancestral comum (Holm, 2004, p. 32). Em vez disso, Schuchardt destacou a especificidade de cada crioulo, mesmo ao descrever processos generalizados dentro da criouliização, e permaneceu atento aos múltiplos fatores sociais e históricos que influenciaram seu desenvolvimento.

No que diz respeito ao Kreyòl, as cartas de Schuchardt colocaram-no em contacto com pessoas do Haiti que tinham interesse no desenvolvimento nacional do seu país. Os intelectuais do Haiti ainda não estavam dispostos a professar publicamente sua admiração pelo Kreyòl. Esse era o caso de Janvier, embora politicamente ele fosse um nacionalista no contexto haitiano, buscando modos populistas de corrigir “a exploração constante da maioria dos habitantes negros por uma pequena elite *milat* privilegiada” (Smith, 2009, p.

²³ Em inglês: “it could not possibly be the creole of Haiti! He (Janvier) insists that the various dialects of French creole are very different and that he himself can barely understand the creole of Martinique and [the French] Antilles”.

25)²⁴, em contraste com a facção oposta dos liberais de elite. Audain estava em um campo semelhante, como podemos ver se olharmos para o prefácio de sua antologia de provérbios em Kreyòl. Invocando exemplos gregos e latinos, Audain afirmou que “todas as línguas têm seus provérbios, e esses provérbios, como uma espécie de termômetro intelectual, sempre serviram para indicar o grau de vida e originalidade de um povo” (Audain, 1877, p. 2)²⁵. De fato, Audain é considerado um precursor da adoção do Kreyòl como língua literária, evidente em *Cric? Crac!* (1901), de Georges Sylvain, e que começou a ser levada a sério após 1915 (Lang, 1997, p. 40). Graças à sua correspondência, Schuchardt tomou conhecimento dos primeiros rumores sobre a *créolité*. Seus interlocutores eram motivados pelo desejo de reconfigurar a estratificação social e trazer os oprimidos para a vanguarda da vida nacional, em uma nação que não era mais concebida como monolíngue francófona, mas linguisticamente crioula. Não está claro o quanto Schuchardt estava sintonizado com as preocupações políticas de seus interlocutores. No entanto, suas observações sobre a vida crioula moldaram sua compreensão dos processos culturais envolvidos na crioulação moderna, demonstrando a versatilidade dos falantes na criação de meios viáveis de comunicação de baixo para cima.

A teoria de Schuchardt sobre os crioulos, que não foi expressa em uma única declaração teórica, mas espalhada em fragmentos por toda a sua obra, enfatizava a agência dos falantes no uso criativo do material à sua disposição, em circunstâncias que não eram de sua escolha.

Em primeiro lugar, ele rejeitou os apelos comuns ao determinismo racial, evidentes nos relatos de crioulação que explicavam a mistura linguística como corolário da mistura racial. Na realidade, a “influência étnica” na língua não podia ser facilmente determinada porque a crioulação ocorria “dentro de uma população altamente misturada [*buntgemischter*]” (Schuchardt, 1883, p. 239)²⁶. Isso marcou um afastamento do modelo binário de substrato, que se baseava em uma compreensão biológica da mistura linguística. Schuchardt desprezava a tendência de emprestar ideias do racismo científico

²⁴ Em inglês: “the constant exploitation of the majority of the black inhabitants by a small privileged milat elite”.

²⁵ Em inglês: “all languages have their proverbs, and these proverbs, as a kind of intellectual thermometer, have always served to indicate the degree of life and originality of a people”.

²⁶ Em inglês: “within a highly mixed [*buntgemischter*] population”.

ao falar sobre a mistura linguística. Embora ele empregasse os termos “língua-mãe” e “língua-filha”, usados para descrever a relação entre uma língua mais antiga, como o latim, e as línguas mais jovens que surgiram a partir dela, neste exemplo os dialetos românicos (Körting, 1887, p. 4), isso era o máximo que ele estava disposto a aceitar da intrusão da imagética genealógica na classificação linguística:

A classificação genealógica das línguas tem sido amplamente contestada há bastante tempo e com razão; no entanto, mesmo aqueles que não a levam mais a sério são inconscientemente influenciados pela imagem do *Stammbaum*. Ela se adapta até mesmo à teoria da mistura linguística. Foi corretamente dito que uma língua que tem uma mãe pode muito bem ter um pai também, e seria lógico aplicar as expressões “Terceron”, “Quadroon”, “Quintroon” às línguas com base em seu grau de mistura. Mas isso não nos ajudaria em nada (Schuchardt, 1882c, p. 868).²⁷

Por serem assombrados pelo *Stammbaum*, uma imagem que implica pureza de descendência para línguas e povos, a maioria dos linguistas não podia deixar de tratar a mistura de línguas da mesma forma que os cientistas raciais tratavam a mistura de raças: como uma poluição do sangue que precisava ser monitorada de perto e taxonomizada, exigindo rótulos como “mulato” ou “quadroon” para as pessoas, dependendo do seu grau de ascendência africana. Esses termos eram particularmente ressonantes nas Américas, pois foram instituídos pela coroa espanhola para regular os casamentos mistos nas colônias²⁸. Foi contra esse sistema hierárquico, imposto pelos peninsulares e crioulos, que figuras como Martí se rebelaram em nome do nacionalismo mestiço. A teoria da criouliização de Schuchardt dispensava o determinismo racial: a mistura linguística era causada, segundo ele, por fatores sociais e não fisiológicos, e os hábitos linguísticos não eram uma característica “hereditária” (Schuchardt, 1882c, p. 868). Para Schuchardt, os crioulos revelavam que a língua estava sujeita a uma constante reformulação pragmática e não era um marcador inconsciente e inevitável da hereditariedade.

²⁷ Em inglês: “The genealogical classification of languages has been thoroughly challenged for a considerable time and with good reason; nonetheless, even those who no longer take it seriously are unconsciously influenced by the image of the *Stammbaum*. It even adapts itself to the theory of language mixture. It has quite correctly been said that a language that has a mother may very well have a father too, and it would only be logical to apply the expressions ‘Terceron,’ ‘Quadroon,’ ‘Quintroon,’ to languages based on their degree of mixture. But this would not help us in the slightest”. Ver Young (1995, pp. 175-182) para exemplos de terminologia relacionada à mistura de sangue.

²⁸ Ver Young (1995, p. 177).

Em segundo lugar, Schuchart se opôs às teorias da criouliização que minimizavam ou negavam a influência do substrato (africano). Pode-se fazer um contraste com seu contemporâneo, o estudioso português Adolfo Coelho, que escreveu extensivamente sobre crioulos. Coelho argumentou que todos os crioulos, independentemente do contexto, eram o resultado do mesmo processo universal. Segundo ele, os crioulos eram equivalentes, em termos de desenvolvimento, à linguagem simplificada que os adultos usam para se fazerem entender pelas crianças pequenas (Holm, 2004, pp. 27-28). A criouliização poderia, assim, ser explicada em termos de “leis psicológicas”, sem necessidade de prestar atenção às “línguas anteriores dos povos entre os quais esses dialetos são encontrados”, ou seja, o substrato (Coelho, 1881, p. 69)²⁹. Schuchardt criticou a posição de Coelho por negligenciar os fatores sociais (Holm, 2004, p. 32). Sua abordagem seria definida pela atenção aos detalhes, em vez da abstração teórica.

Em terceiro lugar, a posição de Schuchardt sobre os crioulos, que ele aplicou ao estudo da linguagem como um todo, enfatizava o papel da criatividade e da engenhosidade humanas. Isso é resumido por uma passagem que ataca indiretamente a compreensão de August Schleicher da linguagem como um organismo impulsionado por suas próprias leis internas de desenvolvimento:

Até agora, a linguagem tem sido habitualmente tratada como um organismo independente, como um sujeito, quando na verdade é apenas o produto de um sujeito, e não em uma ocasião, mas permanentemente; ela é dependente desse sujeito durante todas as suas mudanças (Schuchardt, 1882c, p. 868)³⁰.

Schleicher pensava que as línguas passavam por “mudanças” na forma de decadência desde sua concepção inicial pura. Ao insistir que as línguas são produzidas por seus falantes, não uma única vez, no momento de sua concepção, mas ao longo de seu desenvolvimento subsequente, Schuchardt negou a tese da decadência. Além disso, ele abriu espaço para a legitimidade dos crioulos. Se a contribuição humana era necessária em todas as etapas do desenvolvimento de uma língua e o crescimento não dependia da

²⁹ Citado por Holm (2004, p. 27).

³⁰ Em inglês: “Hitherto, language has habitually been treated as an independent organism, as a subject, whereas it is merely the product of a subject, and not on one occasion but permanently; it is dependent during all its changes on this subject”.

adesão à composição da língua em sua origem, não havia mais motivos para descartar a crioulação como um fenômeno marginal ou negativo.

Por fim, o trabalho de Schuchardt sobre os crioulos levou-o a uma compreensão totalmente nova das línguas e das famílias linguísticas, que rompeu radicalmente com o legado de Schleicher. O trabalho de Schuchardt revelou as possibilidades ilimitadas da mistura linguística. Isso o colocou em conflito com contemporâneos como Antoine Meillet. Figura significativa na pesquisa indo-europeia, Meillet rejeitou a compreensão de Schuchardt sobre *Sprachmischung*, admitindo apenas a possibilidade de “empréstimos” de uma língua para outra. Uma língua pode muito bem conter elementos lexicais emprestados de outra língua, mas a coexistência simultânea de dois sistemas linguísticos separados não era possível no discurso, argumentou Meillet (1925, p. 82): “o sujeito falante deve sempre falar uma determinada língua; ele tem a sensação de falar uma língua ou outra; e é incapaz de misturar a morfologia de uma língua com a de outra”³¹. Schuchardt (1914b, p. 146) rebateu com uma afirmação generalizada da ubiquidade da mistura: “a mistura é a própria assinatura da vida da língua”³². A visão final e madura de Schuchardt sobre a mistura de línguas, juntamente com sua crença na centralidade do pragmatismo humano na reformulação da língua ao longo de sua existência, ajudou a eliminar qualquer distinção normativa entre línguas crioulas e não crioulas. Isso proporcionou uma importante percepção a Marr.

As ideias de Schuchardt também foram importantes porque foram adotadas no Haiti durante o período de renovação cultural do Kreyòl. A primeira monografia acadêmica dedicada à língua Kreyòl foi escrita pela antropóloga e folclorista haitiana Suzanne Comhaire-Sylvain (nascida Sylvain). Nascida em uma família na vanguarda da renovação cultural – seu irmão Georges, mencionado acima, foi pioneiro na produção literária escrita em Kreyòl –, Comhaire-Sylvain foi uma das primeiras integrantes do Institut d’Ethnologie de Price-Mars, fundado em 1941 (Ramsey, 2011, p. 214). Antes disso, ela escreveu *Le Créole haïtien: Morphologie et syntaxe* em 1936. O livro chegou a uma conclusão substratista altamente remanescente de Schuchardt, que apareceu na bibliografia ao lado de Coelho, Audain e outros estudos iniciais do Kreyòl: “estamos na

³¹ Tradução nossa. No original: “le sujet parlant doit toujours parler une certaine langue; il a le sentiment de parler ou une langue ou une autre ; et il ne saurait mêler la morphologie d'une langue à celle d'une autre”.

³² Em inglês: “mixture is the very signature of the life of language”.

presença de um francês moldado pela sintaxe africana ou, dado que normalmente classificamos as línguas com base na sua afinidade sintática, uma língua Ewe com um vocabulário francês” (Sylvain, 1979, p. 178)³³. O estudo de Comhaire-Sylvain analisou os vários elementos da composição do Kreyòl, incluindo empréstimos de línguas “indígenas”, espanhol, línguas africanas, francês (“a base do nosso vocabulário... francês dialetal e literário desde a época dos primeiros filibusteiros e bucaneiros e do período colonial, e francês literário desde o século XIX” (Sylvain, 1979, pp. 10-11)³⁴ e inglês. Comhaire-Sylvain começou seu estudo com uma descrição da situação sociolinguística do Haiti:

O crioulo haitiano é a língua popular e familiar da República do Haiti, antiga colônia francesa de Saint-Domingue, com o francês permanecendo como língua oficial e literária. Todos os haitianos são mais ou menos bilíngues. A elite haitiana, muitas vezes criada em Paris, fala um francês muito puro, às vezes bastante *rebuscado*, mas também fala crioulo em círculos íntimos; fala crioulo enquanto brinca com sua esposa, seus filhos, seus amigos; fala crioulo com seus empregados e seus trabalhadores. Os haitianos urbanos geralmente falam crioulo; no entanto, como frequentaram a escola por muitos anos e estão constantemente em contato com pessoas que falam ora crioulo, ora francês, eles também podem se expressar em francês quando necessário. Os camponeses não falam francês ou, se forem membros estimados da aldeia, falam um francês terrivelmente deturpado; em geral, os adultos não entendem mais do que algumas frases simples em francês relacionadas a negócios ou religião. Uma criança de 12 ou 14 anos que ainda frequenta a escola rural conhece um pouco do vocabulário escolar francês, que esquecerá mais tarde; para ela, assim como para seus pais, o crioulo será um dia seu único meio de comunicação (Sylvain, 1979, p.7)³⁵.

³³ Em inglês: “we are in the presence of a French poured into the mould of African syntax or, given that we normally classify languages based on their syntactical kinship, an Ewe language with a French vocabulary”.

³⁴ Em inglês: (“the basis of our vocabulary...dialectal and literary French from the time of the first filibusters and buccaneers and the colonial period, literary French since the nineteenth century”.

³⁵ Em inglês: “Haitian creole is the popular and familiar language of the Republic of Haiti, the former French colony of Saint-Domingue, with French remaining as the official and literary language. Every Haitian is more or less bilingual. Your elite Haitian, often raised in Paris, speaks a French that is very pure, sometimes rather *recherché*, but he also speaks creole in close circles; he speaks creole while joking to his wife, his children, his friends; he speaks creole to his servants and his workmen. Your urban Haitian generally speaks creole; however, as he has attended school for many years and he is constantly in contact with people who speak sometimes creole, sometimes French, he can also express himself in French when the moment arises. The peasant does not speak French, or, if he is a village worthy, he speaks a horribly mangled French; in general adults do not understand more than a few simple phrases in French that are to do with business or religion. A child of 12 or 14 who still attends rural school knows a bit of schoolboy French vocabulary which he will forget later on; for him, as for his parents, creole will one day be his only means of communication”.

Neste quadro social impressionante, ouvimos ecoar o refrão da elite haitiana, um motivo de orgulho para escritores como Dantès Bellegarde e Louis-Joseph Janvier (pelo menos em suas declarações públicas), entre outros, de que os haitianos têm domínio perfeito do francês, a língua do iluminismo e da civilização³⁶. Essa atitude foi sutilmente minada por Comhaire-Sylvain, cuja vinheta da vida haitiana retratava o Kreyòl como uma língua verdadeiramente nacional, mesmo que fosse apreciada apenas furtivamente pelas elites, a portas fechadas. Suas palavras evocam um processo emancipatório ainda inacabado, enquanto as práticas linguísticas e literárias populares, de fato autóctones, permaneciam fora do âmbito da cultura nacional legítima. Na próxima seção, examinaremos uma tentativa semelhante, em um contexto diferente, de refazer a sociedade a partir de baixo, emancipando a linguagem popular.

3 Globalizando a criouldade

Nikolai Marr, juntamente com os informantes caribenhos de Schuchardt, estava preocupado em trazer a cultura dos oprimidos para a era moderna, o que naturalmente o tornou receptivo ao trabalho de Schuchardt. De fato, Marr desenvolveu uma concepção de mistura linguística independentemente de Schuchardt. Onde vemos que Marr mudou sua compreensão da mistura linguística graças a Schuchardt foi quando ele tornou a mistura universal em todas as línguas e épocas, em vez de tratá-la como um atributo específico, embora positivo, das línguas jaféticas. Isso teve o efeito de diminuir o binarismo de Marr, visto no contraste que ele traçou entre o mundo holístico dos jafetitas indígenas (eles próprios encarnações da *créolité avant la lettre*) e os indo-europeus militaristas e violentos.

Havia uma dualidade no pensamento de Marr. Uma faceta do trabalho de Marr estava relacionada ao estabelecimento do status “autóctone” de etnias individuais do Cáucaso e do Mediterrâneo (Marr, 1931a, p. 112). Muitos viram isso como obsessivo, um sintoma da crença errônea de que “não são os povos que mudam de lugar, mas os governantes e opressores. São os povos, os ‘khalq’, que estão eterna e intimamente

³⁶ Cf. Bellegarde-Smith (2019, pp. 121-122).

ligados ao seu solo ‘eterno’ e ‘sagrado’” (Fragner, 2001, p. 20). Por outro lado, apesar de sua atenção aos aspectos negligenciados e aos detalhes particulares, Marr era igualmente famoso – assim como amplamente condenado – por suas construções teóricas abrangentes³⁷. A principal delas era sua teoria de um único processo unificado, governado por leis que determinavam o desenvolvimento de todas as línguas. Em um ponto de seus escritos, ele evocou o advento dessa teoria global em termos de um turbilhão de destruição criativa:

Com relação à China e a todo o Extremo Oriente, ainda hoje prevalece a crença de que essa região possui um centro primordial de criação cultural independente, que foi separada do mundo cultural ocidental desde o seu nascimento e durante seu desenvolvimento subsequente por muros intransponíveis. No entanto, permanece a questão de saber se esses muros chineses existem no tecido cultural da humanidade ou se são apenas uma construção artificial (Marr, 1931a, p. 88)³⁸.

Aqui, Marr introduziu uma nota de tensão entre a existência de uma teoria única e unificada e a persistência de culturas distintas e separadas. Há um eco nesta passagem da evocação de Marx e Engels do modo de produção burguês, que eles viam como simultaneamente o precursor do progresso e o destruidor dos antigos modos de vida orgânicos:

Os preços baixos de suas mercadorias são a artilharia pesada que derriba todas as muralhas da China, que obriga os bárbaros xenófobos mais renitentes a capitularem. Obriga todas as nações, sob pena de arruinarem-se, a adotarem o modo de produção burguesa; (...) Em suma, plasma um mundo à sua própria imagem. (Marx; Engels, 2001, pp. 30-31)³⁹.

Marr estava realmente preocupado que o processo inevitável de padronização e consolidação linguística, descrito por sua teoria e aparentemente prestes a ser colocado

³⁷ Ver Brandist (2015, p. 213).

³⁸ Em inglês: “With respect to China and the entire Far East, a belief still reigns supreme to this day that this region possesses a primordial centre of independent cultural creation, that it was separated from the Western cultural world at birth and during its subsequent development by unbreachable walls. Yet the question remains whether these Chinese walls exist in the cultural fabric of mankind or whether they are merely an artificial construct”.

³⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

em prática por meio da política de nacionalidade soviética, nivelasse a variedade das línguas do mundo. Assim, ele advertiu contra permitir que qualquer língua existente ganhasse supremacia sobre as outras em nome da universalidade, fosse ela o russo ou o esperanto. Assumir as rédeas e conduzir o processo de uma maneira que não respeitasse o “direito à autodeterminação cultural de todas as nações” levaria a uma “catástrofe cultural” (Marr, 1925, p. 1015). Em um esforço para evitar esse resultado terrível, Marr descreveu a futura língua mundial como uma recapitulação de tudo o que havia acontecido antes e um retorno às origens primitivas. Marr dotou os povos primitivos com as chaves para a salvação linguística da humanidade, garantindo que isso ocorresse de baixo para cima, em vez de cima para baixo.

Nesta seção, examinaremos uma mudança no pensamento de Marr, que coincidiu com sua leitura de Schuchardt, no sentido de tratar a mistura como onipresente e afastar-se de um binarismo anterior que opunha as línguas jaféticas e indo-europeias. Antes desse encontro, Marr tratava os povos indígenas — os jafetitas e seus descendentes modernos — como seres únicos que incorporavam a fusão do passado e do futuro. Eles o ajudaram a conciliar sua visão unilinear, na verdade hegeliana, do progresso e do tempo com a preservação da diferença cultural: o ápice da história só poderia ser alcançado pela redescoberta do passado distante. Isso envolveria, pensava Marr, uma instância suprema de mistura linguística, na qual todas as características positivas das línguas de épocas passadas seriam fundidas em uma só. As línguas jaféticas estavam destinadas a desempenhar um papel fundamental nisso devido à sua capacidade de formar misturas. Mesmo quando foram subsumidas pelas línguas indo-europeias posteriores, as línguas jaféticas continuaram a exercer uma influência oculta a partir de baixo, como um substrato. Nesse modelo, Marr associou a característica desejável de ser capaz de formar misturas com o passado jafético pré-lapsário. As línguas indo-europeias, flagelo perpétuo das jaféticas, foram deixadas de fora. Elas podiam estar sujeitas à influência jafética, especialmente em línguas “híbridas” como o armênio, mas representavam uma deterioração em relação a um estado anterior. Inicialmente, Schuchardt estudou os crioulos porque eles eram um contraste exótico com as línguas europeias. No entanto, a partir disso, ele passou a ver a mistura como um processo constante que afetava todas as línguas de maneira uniforme. Marr chegou a uma conclusão semelhante sobre a mistura,

acabando por considerar as línguas indo-europeias igualmente sujeitas a ela. Esta mudança de opinião deveu-se, em parte, ao seu contato com Schuchardt.

As teorias linguísticas de Marr se desenvolveram ao longo de várias décadas e passaram por uma série de transformações. Elas começaram com a hipótese que ele promoveu quando era estudante, para grande desgosto de seus superiores na Universidade de São Petersburgo, de que sua língua nativa, o georgiano, uma língua que ainda não havia sido categorizada definitivamente dentro das famílias existentes, era na verdade semítica e compartilhava a mesma estrutura de raiz triconsonantal do hebraico, árabe e aramaico. Posteriormente, Marr modificou sua tese, argumentando que o georgiano e outras línguas do Cáucaso eram remotamente relacionadas às línguas semíticas, mas formavam sua própria família “jafética” distinta. A escolha da terminologia foi significativa. A teoria jafética de Marr tinha implicações muito além do Cáucaso. Ela incluía em seu âmbito o etrusco e o basco, entre outras línguas “primitivas” e “autóctones” da Europa: todas elas eram ramificações de uma família jafética mais ampla, agora confinada principalmente às “línguas da população indígena [*korennogo*] do Cáucaso”, uma região que antes era “o berço da cultura europeia” (Marr, 1931a, p. 82)⁴⁰. A expansão pré-histórica para o oeste de uma família linguística inicialmente caucasiana, tema de um trabalho de Marr de 1920 que tentava mapear a distribuição das línguas jaféticas na Europa pré-histórica, inevitavelmente lembra a Tabela das Nações da Bíblia, que relata como os descendentes de Jafé, irmão de Sem, se espalharam para fundar as nações originárias da Europa⁴¹. Poucos anos depois, a família jafética de Marr passou a abranger todas as línguas indígenas pré-indo-europeias da Eurásia, abrangendo uma faixa de território “dos Pireneus à Mesopotâmia, se não mais” (Marr, 1931b, p. 170)⁴². Graças a uma combinação de oportunismo, convicção sincera e fortuidade, Marr tornou-se uma das vozes mais influentes no campo contestado da teoria linguística soviética e teve participação direta em projetos governamentais, como a introdução de um novo alfabeto abecásio.

⁴⁰ Em inglês: “the languages of the indigenous [*korennogo*] population of the Caucasus;” “the hearth of European culture”.

⁴¹ “Jafé significa ‘amplitude’, pois dele nasceram as nações pagãs, e porque ampla é a multidão de crentes dentre os gentios” [Em inglês: “Japheth means ‘width,’ for from him were born the pagan nations, and because wide is the multitude of believers from among the gentiles.”] (Isidoro de Sevilha, 2006, p. 163). Ver também Brandist (2015, p. 203).

⁴² Em inglês: “from the Pyrenees to Mesopotamia, if not further”.

No entanto, assim como o estudo de Schuchardt sobre o fenômeno aparentemente peculiar da criouliização, que se pensava ocorrer dentro de limites geográficos e culturais, levou a uma teoria geral da universalidade da mistura linguística, a fase inicialmente jafética de Marr, com seu antagonismo em relação às línguas indo-europeias, acabaria dando lugar a uma teoria global na qual a mistura era universalizada, livre de todas as restrições temporais e espaciais. Os vetores de troca entre os dois linguistas permanecem obscuros, embora o momento crucial da transição no pensamento de Marr tenha coincidido de forma intrigante com seu elogio exagerado a Schuchardt como um “lobo solitário”⁴³. Mesmo na ausência de provas definitivas sobre o que Marr aprendeu com Schuchardt, uma transição comparável pôde ser observada em seus respectivos escritos. No balanço final, a capacidade de nova criação que Schuchardt observou nas Américas dissolveu a pureza genética das línguas com linhagem estabelecida e *corpus* escritos existentes, que representavam a norma quando comparados com a excepcionalidade do Novo Mundo. No caso de Marr, a família jafética começou como uma alternativa ao modelo triunfalista indo-europeu. As línguas jaféticas preservaram, por meio de sua mistura, estratos há muito perdidos do passado distante. Essa característica as diferenciava dos invasores indo-europeus e seus descendentes espirituais na forma de linguistas comparativos tradicionais, que rejeitavam tudo o que não se enquadrasse em suas taxonomias genéticas. No entanto, com o tempo, essa oposição binária foi transcendida por uma concepção global da mistura linguística e pela capacidade perene de adaptação e sincretismo demonstrada pelas comunidades falantes, mesmo quando confrontadas com circunstâncias adversas.

Marr e Schuchardt compartilhavam uma profunda discordância com a linguística comparativa indo-europeia dominante. Marr rejeitou a árvore genealógica indo-europeia porque ela implicava que as famílias linguísticas eram governadas por relações genéticas que existiam desde o início e determinavam o crescimento subsequente. De maneira darwiniana, o *Stammbaum* apresentava o crescimento em termos de diferenciação e especialização, limitando a possibilidade de convergência e hibridização. Isso implicava que a essência de uma língua era cristalizada no momento do nascimento e, portanto, não

⁴³ Marr trocou correspondência com Schuchardt sobre o tema do basco e sua relação com outras línguas jaféticas (Zaika, 2024, pp. 155-157). Embora a correspondência (pelo que pude ver) não contenha uma troca de ideias sobre a mistura de línguas em si ou sobre os crioulos, ambos os linguistas estavam à margem da linguística dominante e contribuíram para uma corrente de pensamento contrária.

era passível de intervenção posterior por parte de seus falantes. Marr afirmou ter virado esse modelo de cabeça para baixo:

Na linguística jafética, o nascimento, o crescimento e a realização posterior (ou final) da língua humana podem ser representados como uma pirâmide vertical. A partir de sua ampla base, que representa um estágio pré-histórico caracterizado por múltiplas línguas embrionárias semelhantes a moluscos, a língua humana, passando por uma série de transformações tipológicas, surge em direção ao topo, ou seja, a única língua mundial. Na linguística indo-europeia, com sua única proto-língua, a paleontologia linguística é reduzida a uma pirâmide invertida, com sua base no ar (Marr, 1934a, p. 31)⁴⁴.

A teoria jafética de Marr foi estruturada de acordo com o princípio da evolução convergente, no qual uma única língua mundial surgiria assim que as múltiplas línguas geograficamente dispersas completassem a mesma evolução progressiva em estágios e se fundissem entre si. A pirâmide alternativa “invertida” representava a maneira como os estudiosos convencionalmente viam a evolução linguística: em termos da descendência de línguas relacionadas a partir de uma única língua (indo-europeia, semítica, etc.), pela qual os descendentes linguísticos herdaram (“erebt”, nos termos de Schleicher) suas características definidoras de seu ancestral comum (Schleicher, 1853, p. 786). Apesar da ousadia característica de Marr, seu ataque à corrente dominante não estava muito distante do que Schuchardt (acima) havia escrito em crítica à visão organicista da língua. As comparações de Marr entre línguas aparentemente não relacionadas baseavam-se no princípio da convergência e na afirmação de que fenômenos comparáveis poderiam surgir independentemente uns dos outros, sem implicar uma descendência comum. Schuchardt expressou uma ideia semelhante ao negar a existência de um único ancestral para todas as línguas crioulas (a teoria monogenética dos crioulos):

Quando falo de dialetos crioulos negros, e para ser específico, cinco, correspondentes às cinco grandes potências coloniais (...) não posso ser contradito com base no fato de que não existe um crioulo negro comum do qual todos eles descendam. É verdade que não há divergência, mas

⁴⁴ Em inglês: “In Japhetic linguistics, the birth, growth and latter (or ultimate) attainment of human language can be pictured as an upright pyramid. From its broad base, which figures a prehistoric stage that was characterized by multiple mollusc-like embryonic languages, human language, passing through a series of typological transformations, surges towards the top, which is to say the single world language. In Indo-European linguistics, with its single proto-language, linguistic palaeontology is reduced to a pyramid standing on its head with its base in the air”. Também citado por Allen (2022, p. 749).

paralelismo; eles são formados a partir de materiais diferentes, de acordo com o mesmo plano e no mesmo estilo (Schuchardt, 1914a, p. vii).⁴⁵

De fato, historiadores da linguística agruparam Marr e Schuchardt no campo dos linguistas “dissidentes” que se opunham à ortodoxia indo-europeia (Abaev, 1960, p. 95).

Também de forma semelhante a Schuchardt, Marr complementou o estudo das línguas antigas com línguas faladas modernas, especialmente aquelas que eram negligenciadas pelos estudiosos. O contato com dialetos demóticos ajudou Marr a vislumbrar a unidade linguística do Cáucaso. De acordo com uma anedota, enquanto ainda lutava para dominar o armênio, que lhe era ensinado formalmente por monges, Marr descobriu que conseguia entender a fala dos camponeses armênios com relativa facilidade. O dialeto deles parecia notavelmente semelhante ao georgiano, o que levou Marr a intuir uma conexão primordial entre as duas línguas, que a posterior influência indo-europeia sobre o armênio conseguiu obscurecer (Alpatov, 2004, p. 17). Essa percepção o levou a argumentar que o armênio continha “uma camada básica que o conectava com a língua georgiana vizinha e influenciava (...) a transformação da camada ariana indubitavelmente forte nele”⁴⁶. A visão de Marr sobre o armênio o colocou em conflito com o linguista comparativo Heinrich Hübschmann. Hübschmann ganhou elogios por seu estudo da fonologia armênia, o que o levou a classificar a língua como um ramo separado da árvore genealógica indo-europeia, posição que mantém até hoje (Schmitt, 1975, pp. 25-27). Quando se encontraram em Estrasburgo em 1894, Marr enfureceu Hübschmann ao questionar sua expertise (Thomas, 1957, p. 4). Esse foi um encontro fatídico, que pode ter moldado a tendência subsequente de Marr de descartar o trabalho de linguistas, especialmente aqueles da Europa Ocidental, que não tinham conhecimento direto das línguas que estudavam, mas se baseavam em fontes textuais antigas⁴⁷. Quando Marr publicou sua própria gramática do armênio antigo, ele a precedeu

⁴⁵ Em inglês: “When I speak of Negro-creole dialects, and to be specific five, corresponding to the five great colonial powers (...) I cannot be contradicted on the basis that there is no common Negro-creole from which they all descended. It is true that there is no divergence but parallelism; they are formed from different material according to the same plan and in the same style”. Também citado por Holm (2004, p. 32).

⁴⁶ Nikolaj Marr, “K voprosu o zadačakh armenovedenii” [1899], *Izbrannye raboty*, I (1933), pp. 16-22 (p. 19); conforme citado e traduzido em Thomas (1957, p. 21).

⁴⁷ Como afirmou um historiador, “os detalhes de sua discussão não são conhecidos, mas é tentador ver nesse confronto entre um estudioso alemão e um nativo desconhecido das margens do Império Russo um

com um ataque à “abstração teórica” da linguística comparativa, que não conseguia compreender a língua em seu “contexto local” (Marr, 1903, pp. xxx, xxxii). O artigo de Marr de 1920, “O cáucaso jafético e o terceiro elemento étnico na formação da cultura mediterrânea” [The Japhetic Caucasus and the Third Ethnic Element in the Formation of Mediterranean Culture], foi sua declaração definitiva sobre as línguas autóctones, aquelas mais profundamente enraizadas em seu contexto local. Nesta ampla pesquisa sobre o Mediterrâneo pré-indo-europeu, Marr argumentou que o basco e as línguas modernas do Cáucaso eram o elo “jafético” que faltava para um substrato submerso e esquecido. O valor dessas línguas era que, mesmo que sua forma mudasse em resposta às circunstâncias materiais, “as formas originais, psicologicamente substituídas, nunca desapareceram de seu inventário vivo, mas sobreviveram até agora como depósitos dentro das línguas jaféticas atualmente existentes” (Marr, 1931a, p. 101)⁴⁸. Marr aclamava os falantes dessas línguas como condutores através do tempo, apesar de a história ter obscurecido as conquistas de seus ancestrais:

Como o herói mítico Atlas, os jafetitas tocam os céus com a cabeça – sua psicologia linguística – e são capazes de pensar, falar e criar de maneira compatível com todas as épocas da história cultural humana, sem exceção dos dias atuais; com seu torso [tuloviščem] – a estrutura morfológica de sua fala – eles nunca perderam contato com o solo pré-histórico; pelo contrário, permanecem firmemente enraizados nele até hoje, seus pés criaram raízes e mantêm um vínculo, por meio de uma cadeia ininterrupta de transformações ao longo de uma sucessão de períodos, com o estado da língua que existia quando a fala animal se tornou humana (Marr, 1931a, p. 101).⁴⁹

choque entre um saber hegemônico alemão e um conhecimento subalterno não ocidental” [Em inglês: “the details of their argument are not known, but it is tempting to see in this confrontation between a German scholar and an unknown native from the fringes of the Russian Empire a clash between a hegemonic German learning and a subaltern non-Western knowledge”] (Leezenberg, 2014, p. 102).

⁴⁸ Em inglês: “the original, psychologically superseded forms never disappeared from their living inventory, but survived up to now as deposits within currently existing Japhetic languages”.

⁴⁹ Em inglês: “Like the mythical hero Atlas, the Japhetites brush the heavens with their head—their linguistic psychology—and are capable of thinking, speaking and creating in a manner commensurate with every epoch of human cultural history, the present day being no exception; with their torso [tuloviščem]—the morphological structure of their speech—they never lost contact with the prehistoric soil; on the contrary, they remain firmly grounded in it to this day, their feet have sent down roots, and they retain a bond, via an unbroken chain of transformations across a succession of periods, with the state of language that existed when animal speech first became human”.

Os jafetitas preservaram um vínculo ininterrupto com o passado distante precisamente porque adaptaram suas línguas para se adequar às circunstâncias em mudança. Seu enraizamento no solo também, como convém à sua indigeneidade na Europa, acabou por sinalizar não que eles estavam isolados do processo histórico, mas, pelo contrário, que, por necessidade de se adaptar e se transformar, eles detinham as chaves para o futuro. No entanto, essa também era uma explicação redutora, nascida do ressentimento pelas injustiças históricas, que atribuía certas características linguísticas desejadas aos jafetitas e negava essas características aos indo-europeus.

Com o tempo, porém, Marr modificou sua visão e adotou posições mais próximas das de Schuchardt no que diz respeito à mistura como constante em todas as línguas. Uma das principais inovações de Schuchardt, como vimos anteriormente, foi dissolver a distinção entre línguas crioulizadas e não crioulizadas. Isso ocorreu por meio de sua recusa em tratar a mistura linguística como algo periférico ao desenvolvimento “normal” das línguas. Schuchardt sustentava que mesmo línguas não relacionadas podiam se misturar e tratava a mistura linguística (*Sprachmischung*) como algo tão onipresente que se aplicava *dentro* das línguas (“mesmo dentro da comunidade comunicativa mais homogênea [*Verkehrsgenossenschaft*]”⁵⁰) quando grupos de falantes da mesma língua adotavam formas diferentes uns dos outros (Schuchardt, 1884, p. 136).⁵¹ No entanto, para começar, Marr tratou a mistura como um fenômeno jafético acima de tudo. Ele diferenciou os graus de mistura linguística de uma maneira que Schuchardt provavelmente teria questionado. Marr usou uma série de termos para a mistura linguística que muitas vezes parecem intercambiáveis: mais frequentemente “skreščenie” (cruzamento), mas também “gibridnost” (hibridismo) e, ocasionalmente, “metisacija”, um cognato do espanhol *mestizaje*. Evgenij Polivanov, ele próprio uma das grandes figuras trágicas desse período da linguística, aplicou alguma ordem à terminologia de Marr. Em um dicionário de termos linguísticos publicado postumamente, Polivanov escreveu que Marr introduziu uma diferenciação “artificial”, atribuindo a “gibridnost” o significado de cruzamento entre línguas não relacionadas, mas o termo “metisacija”, por outro lado, passou a ser usado no sentido de cruzamento de sistemas linguísticos

⁵⁰ Em inglês: “even within the most homogeneous communicative community [*Verkehrsgenossenschaft*]”.

⁵¹ Conforme citado por Mücke (2013, p. 136).

relacionados (línguas e dialetos) (Grigor’ev, 1960, p. 121)⁵². Marr realmente se referiu ao armênio como uma língua “híbrida jafética-indo-europeia” e descreveu o cruzamento entre as “tribos” georgiana, mingreliana, laz e svan (todas consideradas, na época e atualmente, como kartvelianas) como um exemplo de *metisacija*, afirmando que isso levou ao “cruzamento inevitável de suas línguas tribais originais” (Marr, 2022a, p. 663)⁵³. Marr dramatizou a diferença entre esses tipos de mistura no “Cáucaso jafético” ao narrar o fim do mundo pré-lapsário:

Em todo o mundo cultural conhecido da época, do Cáucaso e da Ásia Menor à Península Ibérica, falava-se uma única língua, a língua da família jafética; ainda não totalmente separadas dos semitas, as duas tinham começado a divergir. Embora a unidade do mundo jafético possa ter sofrido um golpe anterior, o golpe que a destruiu – o *coup de grâce* – veio na forma da invasão indo-europeia, após a qual se seguiu a mistura e a hibridização, juntamente com o nascimento de novas formas linguísticas cruzadas, e a compreensão mútua foi perdida (Marr, 1931a, p. 121)⁵⁴.

Essa visão absolutista da destruição indo-europeia favorecia a harmoniosa “metisacija” da mistura jafética em detrimento da hibridização destrutiva do contato e da conquista posteriores com um outro linguístico.

Em poucos anos, porém, Marr revisou sua teoria, de modo que o indo-europeu não era mais a língua incompatível de uma raça de saqueadores estrangeiros, mas um estágio evolutivo subsequente dentro do processo glotogênico global. Essa mudança em seu pensamento é indicada por uma breve nota escrita em 1923:

Híbridos mais óbvios, como, por exemplo, as variedades do armênio ou, até certo ponto, a língua albanesa, não são a encarnação [*voploščenie*] de um cruzamento posterior entre o indo-europeu e as línguas jaféticas, mas são representantes de um estado transitório em

⁵² Em inglês: “‘*gibridnost*’ the meaning of crossing between unrelated languages, but the term ‘*metisacija*,’ conversely, came to be used in the sense of the crossing of related linguistic systems (languages and dialects)”.

⁵³ Em inglês: “inevitable crossing of their original tribal languages”.

⁵⁴ Em inglês: “Across the entire known cultural world of the time, from the Caucasus and Asia Minor to the Iberian Peninsula, one language was spoken, the language of the Japhetic family; not yet fully separated from the Semites, the two had begun to diverge. Although the unity of the Japhetic world may have sustained an earlier blow, the blow which finished it off—the *coup de grâce*—came in the form of the Indo-European invasion, after which mixture and hybridization ensued, along with the birth of new crossed linguistic forms, and mutual comprehension was lost”.

um estágio intermediário entre o jafético puro e as línguas indo-europeias consumadas [*soveršenimi*] (Marr, 1936b, p. 185)⁵⁵.

A natureza “consumada” do indo-europeu em relação ao jafético sinalizou o que estava em jogo: onde anteriormente ele tratava o jafético e o indo-europeu como famílias não relacionadas, separadas por diferenças genéticas, Marr agora os situava como estágios subsequentes em uma única trajetória evolutiva. Doravante, Marr considerou o indo-europeu como uma transformação tipológica *in situ*, seguindo o estágio jafético anterior da língua. A distinção normativa entre línguas geneticamente distantes e próximas, juntamente com os tipos de mistura em que podiam se envolver, desapareceu. Marr sinalizou sua nova concepção de mistura com duas proposições: em primeiro lugar, que “não existe uma língua não misturada” e, em segundo lugar, que uma língua não misturada seria um “ser fraco na luta pela existência, condenado à extinção” (Marr, 1931b, pp. 174-5)⁵⁶. A primeira dessas proposições era uma reafirmação *in nuce* da posição distinta de Schuchardt sobre a mistura de línguas.

Conclusão

Em vez de ser esporádica e catastrófica, a mistura linguística passou a ser entendida como endêmica e constante por Marr em suas teorias posteriores. Nesse aspecto, ele ecoou Schuchardt, que era um raro aliado do mundo da linguística ocidental. Cada um deles chegou a suas posições a partir de pontos de partida diferentes, mas em resposta a pressões semelhantes. Ambos estavam bem familiarizados com a teoria do substrato, embora Schuchardt tenha percebido mais rapidamente do que Marr que a mistura linguística nem sempre é binária. Para Schuchardt, a mistura não era uma questão de dois sistemas linguísticos homogêneos, mas incompatíveis, colidindo, nem era impulsionada por uma noção igualmente grosseira de mistura racial. Familiarizado como estava com as realidades linguísticas nas Américas e em outros lugares, ele sabia que não devia estabelecer correlações precipitadas entre língua e raça. Ele também aprendeu que

⁵⁵ Em inglês: “More obvious hybrids, such as, for example, the varieties of Armenian or, to a certain extent, the Albanian language, are not the embodiment [*voploščenie*] of a latter crossing between Indo-European with Japhetic languages, but are representatives of a transitional state at an intermediary stage between pure Japhetic and consummate [*soveršenimi*] Indo-European languages”.

⁵⁶ Em inglês: “weak being in the struggle for existence, doomed to die out”.

era através da criatividade linguística que as pessoas transcendiam as circunstâncias em que viviam. Marr aprendeu uma lição semelhante, embora um pouco mais tarde. Ele estava comprometido com a ideia de que a “língua nativa” era um veículo para libertar as populações nativas, que ele frequentemente se referia como incorporando um vínculo primitivo com a terra. Isso às vezes correspondia a uma visão essencializada delas como nobres selvagens. No entanto, dois fatores mitigaram esse essencialismo. Em primeiro lugar, Marr considerava que a “primitividade” de certas línguas marginalizadas era uma virtude⁵⁷. Em vez de um sinal de estagnação, de evolução interrompida, era um presságio de futura hibridização linguística em escala global. Em segundo lugar, e mais importante, a compreensão cada vez mais universalista de Marr sobre a mistura, segundo a qual todas as línguas, mesmo as dos outrora opressores indo-europeus, estavam sujeitas à mistura, esbatia as linhas entre primitivismo e progresso. A perspectiva de futuridade com que Marr dotou o processo de mistura linguística torna-o um importante precursor da *créolité*. Em ambos os casos, é o espírito de sincretismo e adaptação *ad hoc* que triunfa sobre a obsessão pela linhagem. A transmissão de ideias das Américas e da União Soviética continua sendo um tema que precisa ser explorado no futuro. O caso de Marr mostra que, mesmo quando os vetores de intercâmbio não podem ser totalmente identificados, um conjunto comparável de posições foi articulado em várias partes do mundo que haviam sido marginalizadas por culturas “atavísticas”, para usar o termo de Glissant.

REFERÊNCIAS

- ABAEV, V.I. N. Ja. Marr (1864-1934). K 25-letiju so dnja smerti. *Voprosy jazykoznanija*, 1960, vol. ix, no. i. pp. 90-99.
- ACHING, Gerard. *The Politics of Spanish American Modernismo: by Exquisite Design*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ALLEN, Matthew Carson. Japhetic Grammatology: Marr, Derrida and Archi-Writing, *Interventions*, v. 24, n. 5-6. pp. 742-795.
- ALPATOV, V.M. *Istorija odnogo mifa: Marr i marrizm*. Second edition. Moscow: URSS, 2004.
- ANDREWS, George Reid. *Afro-Latin America 1800-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- AUDAIN, Jean-Joseph. *Recueil de Proverbes créoles*. Port-au-Prince: 1877. Available at:

⁵⁷ “C’est de l’archaïsme qu’émane la lumière”, na formulação de Sériot (2024, p. 202).

https://digitalcommons.usf.edu/rare_book_collection/12?utm_source=digitalcommons.usf.edu%2Frare_book_collection%2F12&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Access on 23 Sep. 2025.

AUDAIN, Jean-Joseph. Letter to Hugo Schuchardt. Port-au-Prince: 16.04.1882. In: *Hugo Schuchardt Archiv*. Edited by Frank-Rutger Hausmann. Graz: 2022. Available at: <https://gams.uni-graz.at/o:hsa.letter.9374/sdef:TEI/get>. Access on 23 Sep. 2025.

BELLEGRARDE-SMITH, Patrick. *In the Shadow of Powers: Dantès Bellegarde in Haitian Social Thought*. Second edition. Nashville: Vanderbilt University Press, 2019.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la Créolité*. Translated by M.B. Taleb-Khyar. Paris: Gallimard, 1993.

BRANDIST, Craig. *The Dimensions of Hegemony: Language, Culture and Politics in Revolutionary Russia*. Leiden and Boston: Brill, 2015.

BRONFMAN, Alejandra. *Isles of Noise: Sonic Media in the Caribbean*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

CASTRO, Juan E. De. *Mestizo Nations: Culture, Race, and Conformity in Latin American Literature*. Tucson: The University of Arizona Press, 2002.

CLARK, Katerina. *Petersburg, Crucible of Cultural Revolution*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

COELHO, Adolfo. *Os dialectos românicos ou néo-latinos na África, Asia, y América*. Lisbon: Extrahido, 1881.

DARÍO, Rubén; FREYRE, Ricardo Jaimes. *La Revista de América*. Edited by Boyd G. Carter. Managua: Publicaciones del Centenario de Rubén Darío, 1967.

FRAGNER, Bert. Soviet Nationalism: An Ideological Legacy to the Independent Republics of Central Asia. In: SCHENDEL, Ilgen van and ZÜRCHER, Erik Jan (eds.). *Identity Politics in Central Asia and the Muslim World: Nationalism, Ethnicity and Labour in the Twentieth Century*. London and New York: Tauris, 2001. pp. 13-34.

GAIDOZ, Henri. Letter to Hugo Schuchardt. Paris: 21.04.1884. In: *Hugo Schuchardt Archiv*. Edited by Magdalena Rattey. Graz: 2017. Available at: <https://gams.uni-graz.at/o:hsa.letter.5196>. Access on 23 Sep. 2025.

GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997.

GRIGOR'EV, V.P. 'Slovar' lingvističeskikh terminov E. D. Polivanova.' *Voprosy jazykoznanija*, 1960, vol. ix, no. iv, pp. 112-125.

HALL, Robert A. *Idealism in Romance Linguistics*. Ithaca: Cornell University Press, 1963.

HATFIELD, Charles. *The Limits of Identity: Politics and Poetics in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2015.

HAUSMANN, Frank-Rutger. Jean-Joseph Audain. In: *Hugo Schuchardt Archiv*. Graz, 2022. Available at: <https://gams.uni-graz.at/o:hsa.person.1058/sdef:TEI/get?locale=de>. Accessed on 06 Jan. 2025.

HIRSCH, Francine. *Empire of Nations: Ethnographic Knowledge and the Making of the Soviet Union*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2005.

HOLM, John. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOYT, David L. Dialects of Modernization in France and Italy, 1865-1900. In: HOYT, David L. and OSLUND, Karen (eds.). *The Study of Language and the Politics of Community in Global Context*. Plymouth: Lexington Books, 2006.

ISIDORE of Seville, *The Etymologies of Isidore of Seville*, Ed. and trans. by Stephen A. Barney. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KEANE, Augustus Henry. *Ethnology: in Two Parts*. Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1896.

KOERNER, E.F.K. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KÖRTING, Gustav. *Neuphilologische Essays*. Heilbronn: Verlag Henninger, 1887.

LANG, George. Islands, Enclaves, Continua: Notes toward a comparative history of Caribbean Creole literatures. In: ARNOLD, A. James (ed.). *A History of Literature in the Caribbean*, Vol. III. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1997. pp. 29-56.

LEEZENBERG, Michiel. Soviet Orientalism and Subaltern Linguistics: The Rise and Fall of Marr's Japhetic Theory. In: Rens Bod, Jaap Maat, and Thijs Weststeijn (eds.). *The Making of the Humanities*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010-2014, vol. III (2014), pp. 97-112.

MARR, Nikolai. *Grammatika drevnearmjanskogo jazyka. Ètimologija*. St. Petersburg: Fakultet vostočnykh jazykov Imperatorskogo S.-Peterburgskogo Universiteta, 1903.

MARR, Nikolai. Jafetičeskij Kavkaz i tretij ètničeskij èlement v sozidanii Sredizemnomorskoj kul'tury. In: *Izbrannye raboty*, ed. by V. B. Aptekar' and A. G. Ioannisjan. Leningrad: Gosudarstvennaja akademija istorii material'noj kul'tury, 1931a, vol. I, pp. 79-124.

MARR, Nikolai. Čem živet jafetičeskoe jazykoznanie?. In: *Izbrannye raboty*, ed. by V. B. Aptekar' and A. G. Ioannisjan. Leningrad: Gosudarstvennaja akademija istorii material'noj kul'tury, 1931b, vol. I, pp. 158-184.

MARR, Nikolai. Pis'mo i jazyk budučego (Ob odnoj iz grjaduščikh zadač Vsesojuznoj Akademii nauk), *Vestnik znaniya*, vol. 15 (1925). pp. 1010-1016. Available at: <https://crecleco.seriot.ch/textes/Marr25a.html>. Access on 23 Sep. 2025.

MARR, Nikolai. Ob jafetičeskoj teorii. In: MARR, Nikolai Jakovlevič. *Izbrannye raboty*: T. III Jazyk i obščestvo. Edited by V. B. Aptekar'. Moscow and Leningrad: Gosudarstvennoe social'no-ekonomicheskoe izdatel'stvo. 1934a. pp. 1-34.

MARR, Nikolai. Jazyk i myšlenie. In: MARR, Nikolai Jakovlevič. *Izbrannye raboty*: T. III Jazyk i obščestvo. Edited by V. B. Aptekar'. Moscow and Leningrad: Gosudarstvennoe social'no-ekonomicheskoe izdatel'stvo. 1934b. pp. 90-122.

MARR, Nikolai. Jafetičeskaja teorija. Programma obščego kursa učenija ob jazyke. In: MARR, Nikolai Jakovlevič. *Izbrannye raboty*: T. II Osnovnye voprosy jazykoznanija.

Edited by A. G. Ioannisjan. Leningrad: Gosudarstvennaja akademija istorii material'noj kul'tury, 1936a, pp. 23-126.

MARR, Nikolai. Indoeuropejskie jazyki Sredizemnomor'ja. In: MARR, Nikolai Jakovlevič. *Izbrannye raboty*: T. II Osnovnye voprosy jazykoznanija. Edited by A. G. Ioannisjan. Leningrad: Gosudarstvennaja akademija istorii material'noj kul'tury, 1936b, pp. 185-186.

MARR, Nikolai. In: MARR, Nikolai Jakovlevič. *Izbrannye raboty*: T. IV Osnovnye voprosy istorii jazyka. Edited by I.A. Orbeli. Moscow and Leningrad: Gosudarstvennoe social'no-ekonomicheskoe izdatel'stvo. 1937. pp. 85-99.

MARR, Nikolai. The Japhetites. Translated by Anna Kurkova. *Interventions*, 2022a, v. 24, n. 5-6. pp. 652-666.

MARR, Nikolai. On the Origin of Languages. Translated by Anna Kurkova. *Interventions*, 2022b, v. 24, n. 5-6. pp. 690-695.

MARTÍ, José. Our America. In: MARTÍ, José. *José Martí: Selected Writings*. Edited and translated by Esther Allen. New York: Penguin Books, 2002. pp. 288-96.

MARTIN, Terry. *The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto of the Communist Party. In: Robert C. Tucker (ed.) *The Marx-Engels Reader*. Second Edition. New York and London: Norton, 1978.

MEILLET, Antoine. *La méthode comparative en linguistique historique*. Paris: Champion, 1925. Available at: <https://crecleco.seriot.ch/textes/Meillet25a.html>. Access on 23 Sep. 2025.

MEJÍAS-LÓPEZ, Alejandro. *The Inverted Conquest: The Myth of Modernity and the Transatlantic Onset of Modernism*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2009.

MIGNOLO, Walter D. *The Idea of Latin America*. Oxford: Blackwell, 2005.

MÖRNER, Magnus. *Race Mixture in the History of Latin America*. Boston: Little, Brown and Company, 1967.

MÜCKE, Johannes. '... unsere freundschaftlichen Beziehungen ...'. Zum Verhältnis von Hermann Paul und Hugo Schuchardt. *Grazer Linguistische Studien*, v. 80, Autumn 2013. pp. 125-164.

O'CONNOR-BATER, Kathleen. *The Intellectual and Cultural Worlds of Rubén Darío*. New York: Routledge, 2022.

PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'oncle*. Edited by Robert Cornevin. Ottawa: Éditions Leméac, 1973.

RAMSEY, Kate. *The Spirits and the Law: Vodou and Power in Haiti*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2011.

RICHARDS, Robert J. Darwin on Mind, Morals and Emotions. In: *The Cambridge Companion to Darwin*. Edited by Jonathan Hodge and Gregory Radick. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. pp. 96-119.

ROY, James. Autochthony in Ancient Greece. In: MCINERNEY, Jeremy (ed.). *A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Chichester: Wiley Blackwell, 2014. pp. 241-55.

SCHLEICHER, August. Die ersten Spaltungen des indogermanischen Urvolkes. *Allgemeine Monatsschrift für Wissenschaft und Literatur*. August 1853, pp. 786-787.

SCHMITT, Rüdiger. Von Bopp bis Hübschmann: Das Armenische als indogermanische Sprache', *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* 89 (1975), pp. 3-30.

SCHUCHARDT, Hugo. Kreolische Studien I. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika). In: *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*. Vienna: 1882a, pp. 889-917.

SCHUCHARDT, Hugo. Letter to Rufino José Cuervo, Graz: 19/02/1882b In: *Hugo Schuchardt Archiv*. Edited by Bernhard Hurch. Graz: 2023. Available at: <https://gams.uni-graz.at/o:hsa.letter.11214>. Accessed 31 dec. 2024.

SCHUCHARDT, Hugo. Zur afrikanischen Sprachmischung. In: *Das Ausland. Wochenschrift für Länder- und Völkerkunde*. Stuttgart: Verlag der Cotta'schen Buchhandlung, 1882c. pp. 867-869.

SCHUCHARDT, Hugo. [Review of] Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen. Essai d'hybridologie linguistique par Lucien Adam. In: *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, vol. 6, pp. 236-240.

SCHUCHARDT, Hugo. *Dem Herrn Franz von Miklosich zum 20. November 1883*. Slawo-deutsches und Slawo-italienisches. Graz: Leuschner & Lubensky, 1884.

SCHUCHARDT, Hugo. *Die Sprache der Saramakkaneger in Surinam*. Amsterdam: Johannes Müller, 1914a.

SCHUCHARDT, Hugo. Zur methodischen Erforschung der Sprachverwandtschaft. In: *Nordisk Tidsskrift for Filologi*. Copenhagen: 1914b, vol. 6, pp. 145-151.

SÉRIOT, Patrick. Le Monde primitif de Nikolai Marr, *Slavica Occitania*, Toulouse, n. 59, 2024. pp. 195-226.

SLEZKINE, Yuri. N. Ia. Marr and the National Origins of Soviet Ethnogenetics, *Slavic Review*, Cambridge, v. 55, n. 4, Winter, 1996, pp. 826-862.

SMITH, Matthew J. *Red and Black in Haiti: Radicalism, Conflict, and Political Change 1934-1957*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009.

SYLVAIN, Suzanne. *Le Créole haïtien: Morphologie et Syntaxe*. Geneva: Slatkine Reprints, 1979.

SYLVAIN, Georges. *Cric? Crac! Fables de La Fontaine racontées par un montagnard haïtien*. Paris: Ateliers Haïtiens, 1901.

THOMAS, Lawrence L. *The Linguistic Theories of N. Ja. Marr*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1957.

TRAUTMANN, Thomas R. *Aryans and British India*. Berkeley, Los Angeles, and London: University of California Press, 1997.

WILBUR, Terence H. Hugo Schuchardt and the Neogrammarians. In: VENNEMANN, Theo; WILBUR, Terence H. *Schuchardt, the Neogrammarians, and the Transformational Theory of Phonological Change*. Frankfurt/M: Athenäum Verlag, 1972. pp. 75-109.

YOUNG, Robert J.C. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London and New York: Routledge, 1995.

ZAICA, Natalia M. La langue basque et le Pays basque dans la vie et l'œuvre de Nikolai Marr, *Slavica Occitania*, Toulouse, n. 59, 2024. pp. 133-160.

Tradução de Luciana Leite – lucianaleite@gmail.com

Recebido em 06/01/2025

Aprovado em 14/09/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo oferece uma contribuição original valiosa para a história das ideias no domínio da filosofia da linguagem e da metodologia dos estudos linguísticos. O domínio do autor sobre os dados relevantes e a literatura acadêmica é excelente. Recomendo definitivamente o artigo para publicação.

O tema principal do artigo diz respeito à afinidade conceitual entre Nikolai Marr – um linguista e filósofo cultural georgiano-russo-soviético altamente original e controverso do início do século XX – e seu contemporâneo austríaco Hugo Schuchardt, mais conhecido no Ocidente. Ambos os pensadores são reconhecidos por sua crítica à abordagem dominante da linguagem como uma estrutura cujo desenvolvimento ocorre de acordo com “leis” universais quase naturais; ambos destacaram o caráter misto de todas as línguas e nações, desafiando a ideologia dominante que insistia em sua unidade orgânica. Embora a relação entre os dois estudiosos seja virtualmente bem conhecida, o presente estudo acrescenta uma nova dimensão que parece particularmente importante para uma compreensão adequada das ideias de Marr, ainda muito debatidas e controversas. Em seus estudos, Marr trabalhou principalmente com línguas caucasianas (além do armênio e do persa), enquanto a base de dados de Schuchardt provinha principalmente de línguas indígenas da América Central e do Sul. Como o artigo mostra de forma convincente, foi o encontro de Marr com os estudos de Schuchardt que ampliou o escopo de sua teoria,

Bakhtiniana, São Paulo, 21 (1): e69866p, jan./mar. 2026

que até então se concentrava principalmente nos cruzamentos interlinguísticos na região do Cáucaso.

A atmosfera ideológica superaquecida das duas primeiras décadas do século XX foi impulsionada por uma oposição acirrada entre o mundo “ocidental” e sua suposta contraparte, interpretada de várias maneiras como “primitiva” (Lévy-Bruhl), “não europeia” (Whorf), “eurasiática” (Trubetskoi) ou “jafética” (Marr). Dentro dessa estrutura binária, o primeiro era visto como baseado em princípios abstratos de lógica e padrões estruturais, enquanto o segundo era associado à criatividade espontânea e interativa. Como foi argumentado no presente artigo, a influência de Schuchardt ajudou Marr a superar o binarismo antagônico de seu pensamento inicial, pelo qual ele afirmava que os cruzamentos eram um privilégio do mundo “não ocidental”, em favor de uma visão universal da polinização cruzada total entre línguas, cujo teor era próximo ao do princípio de “crioulização” de Schuchardt. Certamente, houve outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento de Marr, mas a conexão com Schuchardt, explorada no artigo, foi sem dúvida muito importante.

Minha única reserva diz respeito a uma questão que se reflete no título do artigo [já que o título original do artigo era “O que a linguística soviética aprendeu com as Américas”, *Nota dos editores*]. Entendo que o tema da “União Soviética aprendendo com as Américas” tem mais chances de atrair um interesse imediato do que uma referência a nomes e problemas pouco conhecidos, apesar de sua grande importância histórica, relacionados ao pensamento linguístico do modernismo russo e europeu. Ainda assim, focar o trabalho dessa maneira pode prejudicar seu conteúdo substancial. É verdade que Marr se sentiu inspirado pelo programa soviético de construção nacional e linguística e sua implementação ativa na década de 1920 e no início da década de 1930. No entanto, havia uma ironia amarga no fato de que, exatamente nas décadas de 1930 e 1940, quando a “nova doutrina sobre a linguagem” de Marr foi canonizada como a “única verdadeira” teoria marxista da linguagem, a política nacional de Stalin gravitava em torno da unidade e uniformidade das “línguas nacionais” e suas “culturas”, sob os auspícios do “grande povo russo” e sua língua. Era uma política que perseguia severamente qualquer vestígio do que era considerado “jargões” ou idioletos locais. Por fim, a incompatibilidade entre o que a “korenização” soviética acabou se tornando (e o que essencialmente permanece até nossos dias) e as premissas da teoria de Marr tornou-se tão evidente que levou à intervenção pessoal de Stalin, resultando em um prolongado banimento não apenas das ideias de Marr, mas de quaisquer estudos de sociologia da linguagem na URSS.

Ao citar a política nacional soviética como pano de fundo das teorias de Marr, é preciso “prestar atenção à discrepância” entre suas grandiloquentes declarações ideológicas e suas práticas, que rapidamente, com o advento da era Stalin, se transformaram em um imperialismo cultural descarado.

Acredito que essa questão diz respeito mais a certas características retóricas da narrativa do autor do que ao significado substancial de seu estudo, que, reitero, é altamente significativo e original. Recomendo fortemente a publicação deste trabalho. APROVADO.

Boris Gasparov – Columbia University, The Harriman Institute, Nova Iorque, Estados Unidos da América; <https://orcid.org/0000-0001-7271-5740>; bg28@columbia.edu

Parecer emitido em 06 de março de 2025.

Bakhtiniana, São Paulo, 21 (1): e69866p, jan./mar. 2026

Parecer II

O sucesso da implantação da ideia da mestiçagem mediante cultivação respeitosa das diferenças nacionais nas Américas e na URSS é uma idealização. Isto é, a convivência harmoniosa entre as línguas e culturas permaneceu só no campo das ideias. Na prática, tanto nas Américas quanto na URSS, os povos indígenas não gozavam dos mesmos direitos que os colonizadores e encontravam-se em uma posição cultural e politicamente marginalizada. A hibridização cultural levou ao silenciamento e apagamento das culturas e línguas indígenas. Assim, na descrição da linguística jafética de Marr no topo da pirâmide está a língua universal que surge como resultado da miscigenação. A mesma ideia da língua universal pode ser encontrada já no romance *Uma estrela vermelha*, de Aleksandr Bogdánov. Ademais, o diálogo entre a linguística soviética e a das Américas proposto no título não se sustenta, uma vez que o principal interlocutor de Marr (segundo o artigo), Schuchardt, não representa as correntes linguísticas das Américas [N.E.: O título original do artigo era “O que a linguística soviética aprendeu com as Américas”]. APROVADO COM RESTRIÇÕES.

Ekaterina Vólkova Américo – Universidade Federal Fluminense – UFF-RJ, Instituto de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5847-2444>; ekaterinamerico@gmail.com

Parecer emitido em 12 de maio de 2025.

Parecer III

A proposta do artigo - explorar as teorias linguísticas das Américas e da URSS e, em especial, o legado teórico de Nikolai Marr - é original e necessária. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre os fluxos transnacionais de pensamento político e cultural no início do século XX, desafiando narrativas tradicionais que costumam ignorar essas vertentes teóricas. O artigo contribui para o debate sobre identidades e linguagens, mostrando como conceitos latino-americanos dialogam, ainda que indiretamente, com o pensamento dos linguistas soviéticos. APROVADO.

Ekaterina Vólkova Américo – Universidade Federal Fluminense – UFF-RJ, Instituto de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5847-2444>; ekaterinamerico@gmail.com

Parecer emitido em 09 de setembro de 2025.

Editores responsáveis

Pietro Restaneo

Laura Gherlone

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva